

ELY MARTINS

Noites de Inverno

Livro II

COLEÇÃO AS QUATRO ESTAÇÕES

ELY MARTINS

Noites de Inverno
Livro II

COLEÇÃO AS QUATRO ESTAÇÕES

Noites de Inverno

Livro II

Coleção As quatro estações

Ely Martins

Noites de Inverno - Livro II- Coleção As quatro estações



Copyright © 2018 Ely Martins

Revisão e diagramação: Constellarium Design

Capa: Constellarium Design

Ano de publicação: 2018

Literatura Brasileira

Romance

Drama

Todo o conteúdo é protegido pelas leis de direitos autorais. É proibido sua cópia, reprodução, utilização, modificação, venda, publicação, distribuição na sua totalidade ou em parte sem autorização prévia do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados pelo autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas reais, vivas ou mortas é mera coincidência.

Noites de inverno é o segundo livro da Coleção As quatro estações.

No livro I: Tardes de outono é a narrativa do Daniel.

No no livro II - Noites de inverno, a narrativa é da Melanie, que se inicia em um ponto um pouco antes do final do livro I. É necessária a leitura do livro II para entendimento do livro III.

No livro III - Manhãs de primavera - Narrativa do Daniel retornando ao ponto em que encerrou o livro I.

No livro IV - Dias de verão - Narrativas alternadas entre Melanie e Daniel.



Prefácio

O dia estava deliciosamente frio. Através da janela era possível ver os flocos de neve caindo, transformando a paisagem, anunciando a proximidade do Natal. Mas nem mesmo a bela paisagem provocada pela minha estação preferida do ano era capaz de trazer algum alívio ao meu coração. Nada poderia curar a dor que eu sentia. Meus olhos vermelhos e inchados ardiam pelas longas horas de choro. Ainda não sei como encontrei forças para continuar sentada no sofá da sala, enrolada em um cobertor... vendo o fogo crepitando na lareira. Eu sentia falta da nossa casa, da nossa varanda onde sempre nos deitávamos na rede, mesmo nas noites frias. Eu sentia falta dele.

De uma forma meio masoquista, eu tentava imaginar como ele estaria agora. Aquela mulher também se encolhia nos braços dele se sentindo imediatamente aquecida? Ela fechava os olhos completamente deleitada enquanto ele acariciava seus cabelos? Ela fingia dormir para que ele a levasse nos braços até a cama?

Eu forcei minha mente a se desligar completamente. Eu não 'podia imaginar os dois na cama... na nossa cama. Na mesma cama em que ele me amou por incontáveis noites, tardes e manhãs. Meu Deus... por quê? Doía... doía muito.

No entanto, eu aprendi que ninguém, ser humano ou não, vive feliz se estiver se sentindo preso. Sei que de alguma forma, Daniel me amava. Mas em um relacionamento nem sempre o amor é o alicerce. Entre nós não havia mais cumplicidade, não havia mais companheirismo. Mesmo quando ele estava batalhando para conquistar tudo o que tinha, Daniel jamais chegou em casa tão tarde. Ele fazia questão de passarmos algumas horas juntos.

E tudo isso mudou quando aquela mulher retornou à vida dele. Eu a odiava.

E não era ódio por ela ter me roubado o homem que eu amava porque ela não fez isso. Ela não o roubou, pelo menos não totalmente. Eu o deixei ir. Mas eu a odiava por ser quem ela era. Alguém que o desprezou e o chutou sem a menor consideração. Alguém que só pensava em status e dinheiro. Hoje, Daniel era um homem bem de vida... e assim conseguiu conquista-la.

Se eu o perdoava? Claro que sim. Ele não me traiu e eu tenho certeza disso. Pelo menos, não fisicamente. Mas ninguém manda no próprio coração. E com ele não poderia ser diferente. Finalmente Daniel ia poder viver o seu grande amor da adolescência. Eu sai de cena para que outra protagonista, o amor de sua adolescência ocupasse meu lugar. Ou melhor, ela estava retornando ao seu lugar.

E eu? Eu seguiria meu caminho, sozinha como estive por muito tempo. Eu ia seguir em frente, porque como eu disse a ele certa vez: ninguém morre por amor. E eu não seria a primeira. Sei que não seria fácil porque eu o amava muito, mas eu também me amava.



Capítulo 1

Dezembro/2007

O clima era descontraído e as risadas preenchiam o ambiente, mas apesar disso não deixávamos de trabalhar arduamente naqueles dias que antecediam o Natal. As encomendas não paravam de chegar e estávamos nos desdobrando para dar conta de tudo. Felizmente... ou infelizmente, chegou um momento em que precisei recusar novos pedidos ou ia passar a noite de Natal na cozinha.

Enquanto eu preparava mais uma massa, ria das histórias obscenas de Juan, vez ou outra reparando nas bochechas coradas de Nice, tímida demais para participar daquelas conversas de duplo sentido. Juan era meu amigo há muitos anos e agora se tornava meu braço direito na Sweet. Bissexual assumido, não se importava com os olhares reprovadores de alguns idiotas da cidade que insistiam em recriminá-lo por seu estilo de levar a vida. Como se alguém tivesse alguma coisa a

ver com isso. E eu o defendia com unhas e dentes.

Juan esteve ao meu lado num dos piores momentos da minha vida que foi quando perdi meus pais. Foi ele quem se deitou ao meu lado após o enterro, me deixando chorar toda minha dor e saudade. Minha tia Verna não gostava muito da nossa amizade por ser uma mulher rígida demais em seus costumes. Aliás, eu acho que ela deveria odiar minha mãe pelo que ela fez. Eu, embora tivesse apenas doze anos na época, gostaria muito que ela tivesse me dito o motivo de ter feito aquilo.

Eu sei que alguns sentimentos não podem ser controlados. Simplesmente acontecem sem que possamos fazer muita coisa. Mas o modo como reagimos a esses sentimentos é que faz toda a diferença. Você pode amar uma pessoa e de repente se apaixonar por outra, por que não? Não é algo controlável, infelizmente. Mas eu acho que deveria existir pelo menos respeito, lealdade, sinceridade.

O que leva uma pessoa a trair? Dizem que as paixões são fulminantes e capazes de nos levar a cometer loucuras. Mas trair? Eu não consigo aceitar isso, pois para mim traição nada mais é que uma falha de caráter. Se o sentimento foi inevitável, seu parceiro merece a verdade antes que o pior aconteça.

Mas o que eu posso fazer agora a não ser aceitar? Eu também não posso julgar minha mãe. Como eu poderia saber o que a levou a ser desleal com meu pai? Eu odiava julgamentos precipitados e por isso mesmo guardei aquelas indagações dentro de mim. Prefiro acreditar que ela foi infeliz em suas escolhas.

—Gente... vamos parar de brincar, ok? Vocês estão fazendo corpo mole.

Juan falou com sua voz doce, que nada fazia lembrar aquele cara assanhado e de risada escandalosa.

—Aliás, por onde anda nosso marido hein, Mel? Já não era para ele estar aqui?

Eu ri com suas palavras. Era assim que ele se referia a Daniel. E pensar nele me fez suspirar, o que levou Juan a gargalhar. Mas o que eu podia fazer se amo com loucura aquele homem? Eu me lembro como se fosse hoje da primeira vez em que o vi. Ele parecia tão arrasado, tão perdido dentro de si mesmo que não resisti a uma aproximação.

Hoje eu sei que me apaixonei no momento em que ele ergueu aqueles incríveis olhos verdes para mim. Alto, cabelos escuros, pele levemente bronzeada... ele era o homem mais bonito que eu já tinha visto, pelo menos pessoalmente. E estava ali na praça com o coração partido.

Após uma breve conversa em que me contou seus problemas, ele praticamente apagou, desmaiou bem aos meus pés. E foi Juan quem me ajudou a leva-lo para casa, apesar de protestar veementemente. Ele achava que era um perigo levar um desconhecido para dentro de minha casa, principalmente por morar sozinha.

Mas eu já estava acostumada a me defender desde os dezesseis anos quando obtive minha emancipação. Minha tia queria voltar a sua cidade para cuidar da filha adoentada, mas eu não queria morar em Paris. Eu queria ficar na casa deixada por meus pais. A partir daí passei a me cuidar sozinha. Juan ficou um ano fora do país e aí eu me senti mais sozinha do que nunca. Talvez por isso tenha namorado Phillipe, um idiota que na realidade só queria tirar minha virgindade.

Eu nunca quis fugir do amor, mas também não ficava em uma busca desesperada por ele. Às vezes eu me sentia meio solitária, mas logo buscava alguma atividade interessante para fazer, tipo cozinhar, que era o que eu amava. E por não estar buscando nada, eu estava totalmente despreparada, de guarda baixa quando conheci Daniel. Eu escondi minha paixão por ele pois estávamos desenvolvendo uma bela amizade.

Ele era um cara incrível e eu ficava realmente furiosa quando ele se menosprezava tanto. Era inteligente, batalhador, esforçado, além de amoroso e carinhoso. Eu percebia pelo seu jeito de me olhar que ele também estava apaixonado por mim, mas não percebia isso. Ele era

meio lento para perceber certas coisas, sem dúvida alguma.

Mas se tinha algo nele que me deixava encantada era seu jeito de olhar. Descobri, depois de um tempo, que ele jamais conseguiria mentir se olhasse em meus olhos. Eram a janela de sua alma... e ele, por outro lado, se dizia incapaz de raciocinar muito bem quando olhava dentro dos meus.

Um dos dias mais felizes da minha vida, sem dúvida foi quando ele me pediu em namoro. Ali, eu já não conseguia mais esconder minha paixão e minha vontade de beijar aquela boca rosada quase me tirava o juízo. E foi incrível como eu imaginei que seria. O sexo? Foi arrebatador, fantástico, viciante.

Daniel era intenso em tudo. Ele se entregava com paixão, se jogava com afinco quando se propunha a fazer algo. Ele amava demais, mas podia odiar com a mesma intensidade. Eu tentava ajuda-lo da melhor maneira, sendo uma verdadeira companheira para ele, da mesma forma como ele agia comigo. Eu o amava demais, mas só acho que ele precisava de um pouco mais de autoestima. Precisava parar de querer provar alguma coisa às pessoas. Ele não precisava disso! Ele só precisava mostrar a ele mesmo. Mas do mesmo jeito que era obstinado... ele era teimoso.

—Nosso marido já deve estar chegando, Juan.

Daniel estava vindo todos os dias nos ajudar um pouco, já que a construtora já tinha entrado em recesso. E eu confesso que amava os momentos em que ele ficava conosco. Se com Juan já era divertido, quando Daniel estava por perto ficava ainda melhor, já que ele gostava de implicar com meu amigo. E para combater as implicâncias, Juan debochava dele dizendo que parecia uma gelatina sempre que estava perto de mim.

Mas a verdade é que eu também me sentia assim perto dele. Quando ouvi a voz dele cumprimentando a todos, meu coração disparou e meu corpo tremeu. E quando ele parou atrás de mim me abraçando eu cheguei a fechar meus olhos, enternecida demais com sua presença. E

depois quando conectamos nosso olhar, eu me sentia emocionada com as palavras de incentivo dele.

Éramos assim. Um incentivando e apoiando o outro. Aos poucos íamos colocando nossa vida nos eixos, depois de muito trabalho, algumas privações, mas sempre juntos. E era essa cumplicidade, esse companheirismo que fortalecia nosso relacionamento.

∞∞∞∞

Eu ri, colocando o rosto contra o peito de Daniel ao ouvir seu gemido agoniado quando coloquei meu pé muito frio em sua perna. Meus pés estavam sempre gelados e no inverno isso piorava. Às vezes um par de meias não era suficiente para aquece-los. Mas Daniel estava sempre quente... em todos os sentidos. Eu adorava me deitar e abraçar seu corpo porque daí a alguns minutos eu já estava completamente aquecida.

Aliás, nos dias de verão eu procurava dormir um pouco afastada dele, já que o calor que emanava de seu corpo me fazia suar a noite inteira.

—Meu Deus... o que faremos com esse pé, Mel?

—Só me deixar ficar com ele no meio de suas pernas um pouquinho, amor.

—Argh... estão gelados.

Eu ri novamente, passando a ponta dos dedos pelo peito desnudo, sempre impactada com a beleza dele. Daniel estava mais forte, com músculos mais firmes devido ao trabalho braçal e pesado, principalmente quando começou a erguer nossa casa.

Acho que ele não fazia ideia do orgulho que eu sentia de ver que nosso *império* foi construído quase totalmente pelas mãos dele. Quem não se orgulharia? Meus sogros já tinham me confidenciado isso, mas

Daniel sempre dizia que não havia motivo para tanto. Mas havia e um dia ele teria que aceitar isso.

Esse era um dos motivos pelos quais eu me apaixonava mais e mais por ele a cada dia. Principalmente depois dessa nossa conversa. Um filho. Daniel queria um filho comigo. Nunca chegamos a falar sobre o assunto, mas eu sabia que ele gostava de crianças assim como eu. E não pude deixar de sorrir quando a imagem de um garotinho idêntico a ele veio à minha mente. Ou talvez uma garota, com os cabelos escuros e olhos verdes como os dele.

Na verdade, isso não importava em nada. O importante era termos um filho. Um presente, uma dádiva... o fruto do amor que nos unia. Um amor que foi nascendo de uma amizade despretensiosa e quase por acaso. Um amor que ia crescendo e se solidificando a cada dia. Eu posso dizer com todas as letras e sem medo algum de errar que Daniel era o homem da minha vida.

Não importava o tempo ou as circunstâncias, eu sempre o amaria. E se um dia, por alguma infelicidade do destino, nossos caminhos se separassem, ele sempre estaria dentro de mim como uma lembrança fantástica. Nada poderia apagar os momentos maravilhosos que vivemos.

Eu me enrosquei nele, esfregando meus pés em suas pernas, sentindo seu corpo tremendo por estar rindo de mim. Ele sabia que eu passei a amar o inverno depois que nos conhecemos. Porque Daniel não aquecia apenas meu corpo. Ele aquecia meu coração, minha alma.



Capítulo 2

Janeiro/2008

Nove horas da manhã do primeiro dia de janeiro. Eu deveria estar na cama, ao lado do meu marido que estava em um sono tão pesado que não me viu sair da cama. Fomos deitar às seis e meia da manhã, mas quem disse que eu consegui dormir? Primeiro porque fiquei apreciando a beleza de Daniel, com seus olhos pesados quase se fechando para mim. E depois, eu tinha aquele ritual que fazia todo começo de ano, mas que meu marido sequer se dava conta.

Eu me sentava em algum lugar tranquilo e isolado e deixava minha mente vagar pelos acontecimentos do ano que passou. Hoje, particularmente, eu não consegui isso de imediato. Quando me lembrei de onde eu estava não consegui segurar minhas lágrimas. Então eu sai da varanda de nosso quarto e sai sem fazer barulho, caminhando por cada cômodo da casa. E em cada um deles, mais lágrimas escorriam pelo meu

rosto, me fazendo passar a mão o tempo todo na tentativa de contê-las.

Era uma sensação deliciosamente indescritível saber que em cada cômodo, em cada cantinho daquela casa havia a mão, o trabalho, o esforço de Daniel. Eu passei a mão na parede do quarto de hóspedes, ainda vazio, me lembrando das vezes em que estive aqui quando tudo não passava de um amontoado de ferragens, tijolos e cimento. Quantas e quantas vezes eu fiquei parada, embasbacada observando as costas largas desnudas enquanto Daniel subia, tijolo por tijolo, as paredes de nossa casa?

Desci as escadas e passei pela sala enorme, já imaginando nossos móveis ali e a tv que Daniel não abria mão. Aliás, nem eu. Onde íamos assistir aos jogos de futebol? Segui para a cozinha e ali sim, eu suspirei, sorrindo por detrás das lágrimas. Era o ambiente perfeito para mim. Eu nem fazia questão da sala de jantar. Por mim, faríamos nossas refeições ali mesmo.

—Ah Daniel... você é um artista.

Falei agora com o rosto contra a janela, observando nossa varanda. E de repente me veio uma ideia. Eu sei que ficaria uma merda o resto do dia por causa das horas sem dormir, mas nesse momento eu não sentia sono. Eu me lembrei de ter visto as chaves do carro sobre o balcão da cozinha, então eu as peguei. Só esperava que quando chegasse, ainda encontrasse Daniel dormindo.

Fui rapidamente até nossa casa, pegando alguns alimentos, louças que ia precisar, entre outras coisas. Aproveitei para escovar os dentes e tomar uma ducha rápida. Peguei algumas roupas para Daniel ou ele ficaria emburrado o tempo todo por estar vestindo roupa usada, como ele gostava de dizer. Quando voltei meia hora depois, a casa ainda estava em completo silêncio, o que significava que Daniel ainda dormia.

Fui para a cozinha e comecei a preparar o primeiro café da manhã do ano para o meu marido. O primeiro café da manhã em nossa casa. Um pouco antes de começar, eu fechei os olhos e repassei rapidamente alguns pontos importantes do ano passado. A formatura de Daniel, o

novo emprego, o crescente sucesso da Sweet... tínhamos muito o que agradecer. E embora já tivéssemos feito isso no momento da virada do ano, eu fiz novamente agora.

Às dez e meia da manhã eu mordiscava um croissant enquanto terminava de arrumar a mesa. Em seguida eu subi para o quarto disposta a acordar Daniel. Eu parei à porta, e não resisti, rindo alto ao vê-lo de bruços na cama, com um dos braços para fora, enquanto ele chamava por mim.

—Mel...

A voz estava grogue de sono e ele mais parecia uma criança birrenta.

—Mel!

—Estou aqui bebê chorão.

—Acordei sozinho no primeiro dia do ano. Sabe o que dizem sobre isso? Que tudo o que você faz no primeiro dia, você fará o resto do ano. Ou seja, eu vou acordar sozinho até dezembro.

—Bom, ainda dá tempo de mudar isso. A gente pode passar o dia fazendo amor.

Ele girou imediatamente na cama e esticou os braços para mim. Seus olhos ainda estavam meio fechados, mas se abriram no instante em que percebeu que não me aproximei.

—Ei... —Falou se apoiando nos cotovelos. —Você foi em casa!

—Sim. E trouxe roupas e escova de dentes. Arrume-se e desça.

Falei e sai rapidamente antes que ele tentasse me puxar para a cama. Assim, ele não ia demorar para descer, disposto a fazer manha como sempre. E foi exatamente assim. Dez minutos depois ele descia usando a camisa azul e calça jeans. Passou os dedos entre os fios de cabelo enquanto descia as escadas... e parou com a boca entreaberta.

—Nosso primeiro café da manhã do ano... e no império.

Quando ele fixou seu olhar no meu, eu passei a língua nos lábios, sentindo um arrepio me percorrer. Por que tinha que ser assim? Eu sempre me sentiria presa ao olhar dele, o coração batendo muito forte? Daniel parou à minha frente, colocando as duas mãos em meu rosto.

—Você é a mulher mais incrível que já conheci, Mel. Obrigado por estar comigo, por me apoiar e por chutar a minha bunda quando mereço.

Eu ri e o abracei.

—Obrigada por me deixar fazer parte da sua vida.

—Sempre... sempre, Mel.

Ele me beijou calmamente, com carinho, deixando sua língua acariciar a minha para depois percorrer cada canto da minha boca, mordiscando levemente e voltando a acariciar minha língua. Esse era o beijo perigoso que só ele sabia dar. O beijo que atiçava meu desejo e fazia o tesão percorrer meu corpo, me deixando languida nos braços dele. Quando nos separamos, nossos olhos se encontraram e eu, com toda convicção pude afirmar que o que via nos olhos dele era o mais puro amor. E meu peito pareceu inflar ainda mais de amor por ele.

—Seremos felizes aqui, não seremos?

—Seremos felizes em qualquer lugar, amor. Nós só precisamos ficar juntos, Mel. Eu, pelo menos, não conheço outro meio de ser feliz sem ser com você.

Eu o beijei novamente.

∞∞∞∞

Eu ainda tentava entender a situação, mas evitava perguntar a Daniel pois não queria aborrecê-lo. Percebi que o assunto Ernest Ebner o irritava completamente e eu não queria de forma alguma terminar nosso primeiro dia do ano pensando em coisas ruins.

Mas eu senti vontade de chutar a bunda de Daniel quando entendi que ele se rebaixou mais uma vez por ter ouvido aquelas palavras nojentas e preconceituosas. Quem aquele homem pensava que era para desdenhar de Daniel assim? Quem era ele para conseguir colocar uma casa como a nossa de pé? Eu tinha pena e nojo de pessoas como ele.

Mas não era só isso que me deixava aborrecida. Há anos eu não ouvia falar no nome daquele homem. Fort Toment não era tão grande a ponto de não conhecermos os moradores, mas também não era tão pequena de modo que soubéssemos da vida de cada um. Por alguns minutos eu pensei em perguntar a Daniel se Anika também estava de volta. Bom, talvez estivessem aqui para o Natal, não é? Era estranho saber que apenas a senhora Ebner continuava morando aqui com seu sobrinho e a governanta. Mas isso também não era da minha conta.

—Tao quietinha... no que está pensando?

—A mente de uma mulher é um oceano de mistérios, Daniel.

Estávamos deitados na rede, apesar da noite fria. Eu estava de costas para ele, com as minhas costas contra seu peito e as mãos para trás acariciando seus cabelos.

—Sei disso. Espero que eu seja pelo menos um peixinho nesse oceano aí.

Ele estava com a cabeça encostada na minha, os lábios roçando suavemente meus cabelos e vez ou outra colocava o pé no chão para empurrar a rede.

—Acho que você é o próprio oceano.

—Eu sou um mistério?

—Um pouco. Mas eu digo em relação a sua profundidade, intensidade... ao perigo. Eu acho que posso compara-lo sim a um oceano.

—Eu hein, Mel... que papo estranho é esse?

—Papo de quem está há muitas horas sem ser beijada.

Rindo, eu girei a cabeça para ser beijada por ele. Estava tão bom ali que eu não sentia vontade de entrar, mas a temperatura caía cada vez mais e além disso, admito que estava com sono. Daqui a pouco seriam vinte e quatro horas sem dormir. Então eu dei um longo suspiro e fechei meus olhos, me encolhendo junto ao peito de Daniel.

Alguns minutos se passaram, nós dois em silêncio até que ele se levantou, fazendo malabarismo para sair da rede sem que eu caísse e depois me pegou no colo.

—Você é tão fingida, Mel. Ou melhor, tenta. Péssima atriz. Sei que está acordada.

Eu ri colando meu rosto em seu peito enquanto ele nos levava para dentro de casa.

—Daniel?

—Hum?

—Você acredita naquela coisa de que quando estamos muito felizes, algo de ruim vai acontecer?

—Eu acredito que pensamentos negativos atraem coisas negativas. Pare com isso, Mel. Estamos felizes porque batalhamos para chegar até aqui. Nós merecemos.

Sei que merecemos, mas o arrepio inesperado em meu corpo era quase um prenúncio de que algo ia mudar em breve.



Capítulo 3

Junho/2008

Eu sentia os raios de sol sobre minha pele enquanto caminhava pelo parque quase vazio àquela hora do dia. Eu não deveria estar ali e sim na Sweet, trabalhando como todos os dias. Estávamos no verão e as pessoas, parecendo mais felizes, lotavam o estabelecimento quase triplicando nosso trabalho. Não pude deixar de pensar no quanto eu também queria aquela felicidade. Mas eu não estava feliz. Pelo menos, não como há cinco meses quando nos mudamos para a casa nova.

Sei que Daniel e eu estávamos trabalhando demais, tanto que estávamos dispostos a tirar umas férias e viajarmos para algum lugar bem distante do trabalho. A Noruega foi o lugar escolhido. Eu sempre tive uma relação de amor com a aurora boreal e por isso meu sonho de visitar aquele país. Estávamos empolgados e já tínhamos até mesmo entrado em contato com uma agência de viagem. Mas nada estava

acontecendo como eu esperava.

Sei que eu estava passando tempo demais na Sweet, mas se eu fazia isso era simplesmente para não ficar sozinha naquela casa enorme. Daniel estava distante, irritadiço e trabalhando bem mais que eu. Ele estava saindo antes das sete e raramente chegava em casa antes das nove da noite.

Tentei conversar com ele várias vezes, mas ele sempre me desarmava, garantindo que não era nada demais. Mas havia algo. Ele não me olhava nos olhos e aquela era uma clara evidência de que ele escondia alguma coisa de mim. E isso me magoava. Claro que, cada um tem sua individualidade, tem seus momentos em que quer ficar sozinho e não falar com ninguém e tudo o que podemos fazer é esperar e respeitar esse momento. Eu ficaria mais tranquila se ele me dissesse isso. Mas ele apenas se calava.

Eu tinha quase certeza de que tinha algo a ver com a volta do senhor Ebner... e dela. Anika. Eu quase não acreditei quando mais cedo ouvi a conversa entre Juan e Patty. Meus Deus... pai e filha de volta à cidade e com um empreendimento na cidade vizinha. Não havia dúvida de que Daniel era o engenheiro responsável. Estava explicado seu medo de me encarar, seu silêncio e principalmente seu nervosismo.

Eu percebia a inquietação de Daniel durante a noite. Ele se remexia muito e pouco depois, quando pensava que eu estava dormindo, ele se levantava. Ele não dormia bem e em consequência eu também não dormia.

Porém, eu estava cansada de viver assim. Nunca fui mulher de fugir de uma conversa e não seria agora que faria isso. Esperei pacientemente que ele viesse até mim e contasse o que estava acontecendo. Mas diante da sua inércia, eu só podia confrontá-lo.

Suspirando, eu me sentei em um banco do parque e ergui meu rosto na direção do sol, ficando assim de olhos fechados. E pensar que há poucos meses estávamos tão bem. Rindo, fazendo amor os finais de semana inteiros, planejando viagem, planejando filhos. E agora, com o

coração esmagado, eu sentia que tudo isso estava escorrendo pelos meus dedos.

Na verdade, eu sempre temi o retorno de Anika. Daniel era jovem demais quando eles se separaram de uma maneira tão brusca. Ele foi podado em seu sentimento mais profundo. Eu tinha medo que essa chama reacendesse quando eles se reencontrassem. Pelo jeito meus medos tinham algum fundamento.

Meu Deus... quantas vezes eu perguntei se era algo com o trabalho? Por que... por que ele mentiu? A força do ciúme me atingiu em cheio e quando dei por mim as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Ela voltou... e ele viu a velha chama se acender. E como eu poderia culpá-lo? Daniel foi o marido mais atencioso, mais carinhoso e apaixonado que uma mulher poderia desejar. Talvez ele nem soubesse que essa paixão ainda estava viva dentro dele, bastando apenas uma faísca para que ela explodisse novamente.

Curvei meu corpo para a frente, enfiando os dedos em meus cabelos. Eu não estava preparada para isso agora. O pior de tudo era ver que Daniel realmente me amava. Mas eu não sou mulher de compartilhar meu homem. Não ia compartilhar amor, tesão, muito menos pensamentos. E nada me tirava da cabeça que ela estava lá, rondando os pensamentos dele e o deixando daquele jeito. Eu tinha que fazer alguma coisa.

E pensando nisso eu me levantei e segui para a Sweet. Qual não foi minha surpresa ao encontrar Natalie à minha procura. Sorri para minha sogra e a abracei, a levando para uma mesa mais afastada.

—Oi querida... vocês não apareceram nesse final de semana. Fiquei com saudade.

—Desculpe Natalie. Daniel e eu estamos trabalhando demais e queríamos ficar só curtindo preguiça.

Ela colocou seus olhos sobre mim... olhos tão idênticos aos de Daniel e ficou me encarando por um tempo até suspirar e colocar a mão

sobre a minha.

—Querida... está tudo bem? Não quero ser uma sogra intrometida, mas...

—Não... não está tudo bem. E eu nunca me senti tão perdida.

—Oh Mel...

—Ela voltou, não é? — Eu estava de cabeça baixa e ergui meus olhos para ela. — Anika voltou.

Ela abriu a boca, como se buscasse palavras e seu rosto enrubescceu.

—Sim. Soube que ela e o pai estão com um empreendimento aí e...

—E Daniel é o engenheiro responsável.

—O que?

Ela gritou e ficou bem óbvio para mim que ela não fazia ideia de que isso estava acontecendo. Balançou a cabeça, incrédula e segurou minha mão sobre a mesa.

—Nós não sabíamos disso, eu juro.

—Eu sei. A verdade é que... nem ele me contou isso, Natalie. Entende como estou me sentindo? Eu soube através de uma conversa da qual eu nem participava. Ele está me escondendo coisas e... está estranho. Está trabalhando além do limite, não dorme direito. Eu não sei o que fazer. Pela primeira vez na vida me sinto impotente.

—Não fique assim, Mel. Eu vou conversar com Daniel e colocar um pouco de juízo naquela cabeça dura. Vocês não podem ficar assim, meu Deus. Vocês são tão companheiros, tão unidos... não é certo agirem como dois estranhos. Precisam conversar. Talvez ele esteja com medo que você pense... besteiras.

—Eu já estou pensando besteira. Para mim a paixão que ele sentia por ela voltou com força agora e ele não sabe o que fazer.

—Nunca. Meu filho tem muitos defeitos, Mel. Ele se menospreza demais, se acha pior que todo mundo, mas ele não é uma pessoa canalha. Ele ama você. Somente você.

—Eu não duvido disso, mas eu estou falando de paixão, Natalie. Lembra dele adolescente? Quando era apaixonado por ela? Você deve saber... eu estou dizendo que amor e paixão são coisas diferentes. Ele me ama, mas ainda está apaixonado por ela. É como se eu fosse as águas tranquilas de um rio... e ela o fogo.

Falei sentindo minha garganta quase estrangulada, com uma ânsia imensa de chorar. Era meu homem, caramba. E eu o estava perdendo.

—Daniel não sabe agir sob pressão... nunca soube. Enfrente-o, Mel. Ainda que isso lhe doa muito. Mas você terá que confrontá-lo.

E foi o que eu fiz horas mais tarde. Ao chegar em casa, percebi que Daniel já estava e pelas luzes acesas, estava enfiado dentro do escritório mais uma vez. Fui até lá e o vi distraído com seus papeis e materiais que usava para desenho. E quando ele me viu, silenciosamente eu implorei para que ele me dissesse a verdade, para que assumisse o que estava acontecendo. Porém antes disso eu fui tomar meu banho e sob a ducha eu tomei minha decisão. Não ia procrastinar mais nada. Iria direito ao ponto.

Não foi uma cena bonita e admito que queria deleta-la da minha vida. Eu gritei com ele e o chamei de covarde. Eu via seu rosto torturado, mas a dor em meu peito era grande demais para que eu me refreasse.

Eu o ataquei verbalmente e esperei por sua resposta. Esperei que ele me dissesse que eu estava enganada em todas as minhas acusações. Na verdade, ele realmente rebateu e disse que não era nada daquilo que eu estava pensando.

Porém, eu cheguei a um ponto em que palavras já não eram suficientes. Eu queria que ele me olhasse nos olhos como sempre fazia quando declarava seu amor, quando dizia que seríamos felizes. Eu queria o olho no olho porque eu saberia exatamente se ele mentia ou se dizia a verdade. Mas... ele fugiu do meu olhar. E assim, eu soube tudo o que eu precisava saber.

Não o acompanhei no jantar, subindo para o nosso quarto. Não sei... talvez no fundo eu quisesse que ele viesse até mim. Mas ele não veio. Eu me deitei de lado na cama, depois de abrir a porta da varanda e deixar que a brisa da noite amenizasse o calor. Eu queria dormir... dormir por vinte horas ininterruptas, mas o sono não vinha.

Ouvi quando ele veio para o quarto, pouco depois da meia noite e se deitou ao meu lado. Colocou o braço sobre minha cintura e eu mordi meus lábios com força para sufocar meu soluço quando ele beijou meu ombro.

—Eu te amo tanto, Mel. Tanto...

Eu também o amava além da razão. E queria muito que isso fosse o suficiente.

∞∞∞∞

Quando acordei na manhã seguinte, Daniel não estava mais na cama, o que já não era novidade. Quase me arrastando, eu me obriguei a tomar um banho para em seguida ir para o trabalho. Eu não conseguia me concentrar em nada e obviamente Juan percebeu, me encurralando até que eu dissesse a verdade.

—Ele te ama, Mel, pelo amor de Deus... quem não enxerga isso?

—Eu sei, Juan, mas será que só amor é suficiente? Eu estou vendo que ele se afasta cada vez mais de mim.

—Converse com ele.

—Eu já tentei. Ele foge do meu olhar, Juan. E Daniel nunca foi disso. Eu sei que ele quer me esconder alguma coisa agindo assim. Só pode ser o que ele sente por ela. Olha... eu nunca imaginei que minha vida ia caminhar para o inferno.

—E o que você pretende fazer então?

Engoli seco antes de responder.

—Sair... antes que eu me machuque ainda mais.

Essa era realmente minha decisão. Sair da vida de Daniel até que ele enxergasse o que ele realmente queria. Se era fácil? Talvez fosse a coisa mais difícil que eu faria. E percebi isso quando o encontrei em casa à noite. Após tomar o banho, eu desci usando somente o roupão. Não queria seduzi-lo, mas se eu ia mesmo me afastar... eu precisava ter meu último momento com o homem da minha vida.

Mas Daniel... era Daniel. A minha paixão, o meu amor para a vida inteira. Dessa vez ele não fugiu do meu olhar. Ele implorou por perdão, admitiu que errou e em nenhum momento deixou de olhar dentro dos meus olhos. E ali, olhando para ele eu enxerguei algo que não soube decifrar. Medo? Vergonha? O que diabos era aquilo? Talvez eu estivesse como sempre atordoada com seu cheiro, com seu corpo, com o desejo que percorria minhas entranhas para não chegar a nenhuma conclusão. Ele sempre foi tão fácil de ler!

Eu me desliguei do mundo e praticamente o joguei sobre o sofá, montando sobre ele e o recebendo dentro de mim. Ele me amou com a paixão e luxúria de sempre, totalmente entregue a mim, ambos arrebatados pelo desejo ardente, pelo prazer imensurável.

Mais tarde em nosso quarto, quando fui acolhida entre seus braços, mesmo me sentindo muito confusa, eu percebi que eu não podia entregar os pontos tão facilmente.



Capítulo 4

Setembro/2008

Eu poderia resumir os três últimos meses em duas palavras. Céu e inferno. Durante algumas semanas Daniel e eu vivemos no céu, voltando a ser o que éramos antes. Conversávamos, ríamos e brincávamos quando estávamos juntos. Nossos encontros durante o almoço passaram a ser diários novamente e nossas noites regadas a muito amor, paixão e desejo.

Não vou dizer que não mais sentia o fantasma daquela mulher pairando sobre nós porque seria mentira, mas eu procurava ignorar aqueles pensamentos. Além do mais, Daniel estava trabalhando tanto naquele projeto que acreditei ser uma forma de acabar logo e assim nos livrarmos daquela presença indesejável.

Mas admito que aquele excesso de trabalho estava me deixando

preocupada. Eu já tinha diminuído meu ritmo, mas Daniel estava ficando pior. Trabalhava demais e dormia muito pouco.

Claro que eu não ia simplesmente ignorar o fato. Eu expus minhas preocupações, mas ele apenas sorriu e disse que logo estaria livre e nós poderíamos retornar ao plano de uma viagem. Mais de uma vez Daniel expôs seus sentimentos, dizendo que queria sua vida junto comigo. O que sentíamos era para sempre.

Por isso foi um choque para mim quando naquele mesmo dia ele voltou do trabalho completamente mudado. Nervoso, impaciente, raivoso e eu podia jurar que notei sua mandíbula um pouco vermelha. E então eu tive a infelicidade de dizer a ele para repassar aquele projeto para outra pessoa, assim tendo oportunidade de descansar.

Ele me acusou de não confiar nele ao pedir que se afastasse do projeto. Provavelmente pensou que eu fazia isso para o afastar de Anika. Mas e se fosse por isso? Era meu direito tentar preservar meu casamento, não era? Principalmente porque há alguns dias, ao buscar Daniel para o almoço, já que ele estava sem carro, eu o vi conversando com dois homens... e Anika. E para mim ficou bem óbvia a intenção dela. Ela estava realmente apaixonada por ele!

Mas essa descoberta não foi a que mais me chocou. O que me tirou o chão foi saber que ele disse a ela que poderia tentar reconquistá-lo. Ele disse que nosso casamento não ia bem! Foi aí que eu explodi, a dor avassaladora me rasgando o peito e eu berrei com ele, com as lágrimas banhando meu rosto.

O que diabos ele estava pensando? Por mais que eu tentasse entender, eu não conseguia. Simplesmente porque não havia explicação lógica para isso. Gritei... xinguei e o impedi de chegar até mim. Eu não suportaria seu toque... não naquele momento. E foi então que várias informações começaram a pipocar em minha mente. Nós sequer estávamos fazendo amor. Eu fechei meus olhos me sentindo derrotada. Ele desejava outra mulher, outro corpo e não o meu. Por isso ele não me procurava mais.

Mas lá estava seu olhar em mim jurando seu amor. Aquelas palavras refletiam em seus olhos. Tão verdadeiro! Mas isso seria suficiente para evitar que ele desejasse a outra mulher? A resposta era desanimadora. Não. De repente senti um cansaço, uma vontade enorme de desistir de tudo. Emocionalmente devastada, sem capacidade de raciocinar com clareza. Mas o fato era que eu não reconhecia mais meu Daniel. Era um estranho para mim agora.

Meu Deus... e eu o amava tanto! Entretanto, apesar de toda a força do meu amor por ele, eu sabia que chegamos ao final da linha. Eu não disse mais nada, apenas me afastei dele e subi para o nosso quarto.

Eu me sentei na cama, olhando para o vazio tentando pensar com coerência, me preparando para tudo o que eu estava prestes a fazer. Sabia que Daniel sempre teria um espaço enorme dentro de mim e mesmo que daqui a algum tempo eu conseguisse sorrir, apesar da dor, eu ainda estaria amando esse homem.

Dentro de mim não havia nenhum pensamento de vingança ou de ódio contra ele. Nada que pudesse manchar o sentimento tão bonito que um nutria pelo outro. Eu nunca, jamais desejaria o mal a ele. Quando me deitei, horas mais tarde, fiquei ouvindo os passos dele pela sala, depois na varanda. Pensar que eu não teria a presença dele me fez enterrar o rosto no travesseiro para sufocar meus soluços que acompanharam as lágrimas.

E algum tempo depois, quando Daniel se deitou ao meu lado, ele me abraçou pela cintura, com o rosto em meu ombro... e eu percebi que ele chorava comigo. Girei na cama, ficando de costas e o puxando para cima de mim. Nenhuma palavra foi dita... nem mesmo um "eu te amo". Apenas deixamos nossos olhos conectados, assim como nossos corpos que se moviam de forma lenta, torturante e apaixonada, como se quiséssemos prolongar ao máximo aquele momento.

Eu não sei se Daniel fazia ideia de que aquela seria nossa última vez antes de eu finalmente jogar a toalha e dizer: Acabou. Pelo menos por enquanto.



Encolhida na cama, eu ouvia seus passos pelo quarto, banheiro e closet. La ele se demorou um pouco, mas eu permanecia na mesma posição, de olhos fechados fingindo que dormia. O cheiro dele estava espalhado pelo quarto e minha vontade era de me atirar nele, me agarrar ao seu corpo e não o soltar nunca mais. Mas eu não podia fazer isso. Nem com ele, nem comigo. Ele merecia seguir o caminho que escolheu, e eu merecia muito mais do que ele estava disposto a dar.

Essa seria a tão famosa crise dos sete anos? Eu não fazia ideia, mas também não estava disposta a queimar meus neurônios pensando nisso. Se era uma crise passageira ou não, só o tempo diria. Percebi quando Daniel voltou ao quarto e parou ao lado da cama... seu olhar estava em mim, eu podia sentir. Ele tocou meu rosto... e seus lábios tocaram levemente os meus.

—Amo você.

Não. Não. Por dentro eu gritava. Eu não suportava mais ouvir aquelas palavras sabendo que esse amor não seria o suficiente para ficarmos juntos, para que fossemos felizes como fomos um dia. Eu suspirei aliviada quando ele saiu do quarto. Agucei meus ouvidos e somente quando ouvi o barulho do carro, eu me levantei.

Meus olhos estavam inchados e doloridos devido ao choro, mas eu pouco me importava com isso agora. Segui para o closet e subi em um Puff, pegando uma mala no alto do armário. Levei-a para o quarto e a coloquei sobre a cama, em seguida colocando roupas e objetos de uso pessoal, além de documentos.

Segui para o banheiro tomando uma ducha rápida. Depois de vestida eu conferi mais uma vez se estava levando tudo o que ia precisar. Não quis olhar para nada, nem me despedir de nada. Eu não ia embora definitivamente, afinal aquela casa pertencia a nós dois e depois, com calma, teríamos que resolver o que fazer a respeito dela.

Minutos mais tarde eu descii com a bagagem, colocando no portamalas do taxi que solicitei. Voltei e tranquei a porta... e só então eu olhei para a fachada da nossa casa. Foram poucos meses ali..., mas intensos e inesquecíveis. Depois que entrei no carro, informei ao motorista qual era o destino e então ele deu a partida. Sai sem olhar para trás. Pensei em me despedir de Natalie, mas achei melhor não fazer isso. Depois eu daria um jeito de ligar para ela.

Antes de ser levada para o aeroporto, pedi que parasse na Sweet. Eu precisava conversar com Juan. Certamente ele entendeu o que estava acontecendo assim que me viu entrar e o chamar em um canto.

—Sabe que confio em você, não é?

—Não devia, mas sei que confia.

Ri levemente.

—Estou deixando a Sweet sob sua responsabilidade, Juan. Cuide bem de tudo para mim. Eu ficarei um tempo fora e... enfim, não sei quando volto.

—Oh linda... eu sinto muito, de verdade. Não há mesmo mais solução?

—Talvez, mas estamos quebrados demais, estressados... não dá para ter uma convivência pacífica. Eu não tenho sangue de barata para assistir passivamente ao que está acontecendo.

—Bom... eu espero que tudo dê certo e que você consiga pelo menos descansar um pouco. E por favor, não deixe de mandar notícias.

Eu o abracei com força, mas controlei minhas lágrimas. Eu teria muito tempo sozinha para libera-las depois.

Meia hora depois de ser deixada no aeroporto, eu consultava o cartão de embarque em minha mão. Eu estava fazendo o certo? Não estava fugindo? Depois de pensar um tempo, cheguei à conclusão de que

sim... eu estava fazendo o certo. E não... eu não estava fugindo. Eu estava apenas procurando me salvar... salvar meu coração.

Quando ouvi a primeira chamada do meu voo, eu me levantei sem pensar duas vezes. Enquanto caminhava até a área de embarque, eu olhei através das enormes janelas de vidro, apreciando a bela paisagem desse dia de outono. Somente então eu parei para pensar que, há sete anos, em uma tarde de outono, Daniel entrou em minha vida, fazendo com que eu me reencontrasse. Deixando-me apaixonada e me fazendo feliz por muito tempo. E agora... em mais um dia de outono eu saía momentaneamente de sua vida para que ele também se reencontrasse.

Quando entrei no avião, eu só pedi aos céus, aos anjos... ao universo que eu tivesse forças para prosseguir. E que se minhas noites de inverno fossem longas... que fossem pelo menos suportáveis.



Capítulo 5

Setembro/2008

Nos últimos sete anos, nunca passei as noites sozinha. Nem mesmo nos dias em que Daniel saía da cama, perturbado com sua insônia, pois em determinado momento ele se deitava ao meu lado. E agora eu estava aqui, sozinha, mas sentindo meu corpo mais leve e desperto depois de descansar das mais de dez horas de viagem.

Acordei sem saber em que dia estava e ainda meio perdida devido ao fuso horário, que nem era uma diferença tão grande, mas o suficiente para mexer com meu organismo. Conferi a data e hora no relógio sobre o criado do quarto de hotel, constatando que eu estava em Tromsø há dois dias.

Eu me levantei e segui para o banheiro, onde me joguei em um longo banho de imersão, fechando os olhos e libertando minha mente de

qualquer outro pensamento que não fosse a água quente envolvendo meu corpo. Tentei não me abalar também com o clima da cidade. Foi mesmo uma decisão precipitada vir para cá nessa época do ano.

Ainda era outono, mas o termômetro no banheiro do hotel acusava dez graus. Mas para quem já sentia o inverno dentro de si, o que seria enfrentar o frio lá fora? Minhas roupas eram suficientemente quentes para suportar.

Não desanimei e após o banho e tomar o café da manhã do hotel, eu finalmente sai para apreciar o que não pude quando cheguei há dois dias. Confesso que ofeguei ao sair e contemplar a bela paisagem. À frente do hotel o gramado bem cuidado, com árvores medianas e artisticamente podadas. Mas o que me impressionou mesmo foi o exuberante lago Nodland bem à frente.

Eu descii as escadas, passando pelo caminho até a travessia que me deixaria de frente para o lago. Passei os braços em volta do corpo, sorrindo satisfeita ao sentir a leve brisa que foi o suficiente para desarrumar meus cabelos. Eu precisava voltar para o quarto e pegar a máquina fotográfica para registrar cada canto daquele belíssimo lugar.

Porém, antes que eu me afastasse, percebi a aproximação de um grupo de turistas, e pelo que entendi vinha de Nova York. Eu me animei com a possibilidade de conversar com pessoas que falavam a mesma língua.

Eu mal tinha me aproximado e o rapaz que servia como guia sorriu acenando e me convidando a fazer parte do grupo. Eu aceitei de imediato, afinal eu estava aqui para me distrair. Eu não podia dar chance a minha mente de voltar meus pensamentos para Fort Toment... ou para minha casa... para Daniel.

Porém, horas mais tarde, já de volta ao hotel, eu descobri que trabalhar minha mente era mais difícil do que eu pensava e que somente o tempo se encarregaria de fazer com que meus pensamentos voassem por outros ares. A cada lugar que visitávamos, eu pensava em como Daniel ia adorar apreciar tudo aquilo. Que bobagem a minha.

Provavelmente ele estava muito satisfeito agora, ao lado da mulher que ele desejava.

Será que já tinha encontrado o envelope que deixei para ele? Ele tinha entendido que o que fiz foi o melhor para nós dois? É o que ia evitar que nos magoássemos, e assim impedindo que manchássemos o relacionamento bonito que cultivamos por tantos anos. Não vou dizer que estava sendo fácil levar as coisas dessa forma. Doía... doía muito. E o que doía nem era tanto os acontecimentos que culminaram com essa situação. O que doía mesmo era a ausência... a saudade de um tempo incrível que marcou a minha alma.

Eu passei as mãos no rosto no mesmo instante em que ouvi a voz ao meu lado. Um dos homens que estava no grupo de turista estava sentado ao meu lado com um sorriso cativante.

—Esse lugar tem uma das paisagens mais lindas do mundo. Imagino que esteja chorando de emoção?

Eu ri e neguei balançando a cabeça, mas também não disse nada que incentivasse um diálogo. Porém ele não pareceu acanhando com meu desinteresse.

—Bom, imaginei mesmo que não fosse. É um choro triste e não de emoção. Sabe... chorar é bom. Desafoga, liberta e assim temos melhor capacidade de analisar todos os ângulos de uma situação e consequentemente lidar melhor com ela.

—Uau... — Falei realmente admirada com as palavras dele e então estendi minha mão. — Muito prazer. Melanie.

—Frederick. Muito prazer, Melanie. Mas então... de onde você é?

—Fort Toment.

—Ah... cidade encantadora. Eu a conheço. Estive lá algumas vezes. Eu sou de Nova York, mas confesso que preferia a calmaria de uma cidade menor como Fort Toment.

—Sim, eu gosto muito. Acho que não me vejo morando em outro lugar... ou não me via. Agora já não sei.

Ele me encarou com seus escandalosos olhos castanhos e assim ficou por um tempo, até que eu desviei meu olhar, um pouco incomodada.

—Desculpe. Só estava tentando ler você.

—E conseguiu decifrar alguma coisa?

—Sou muito intuitivo. Pela sua tristeza e melancolia eu diria que é saudade. Mas por estar sozinha e com uma aliança no dedo, eu imagino que seja bem mais que saudade. Ah essas dores de amor... conheço bem.

—Também trocou sua mulher por outra?

Falei com amargor e o vi arquear a sobrancelha, visivelmente surpreso.

—Foi o que aconteceu a você? Quer dizer... não precisa falar, se não quiser. Mas é que, como chorar, falar também ajuda.

Eu encarei o homem de cabelos grisalhos, algumas rugas ao redor dos olhos quando sorria. Um sorriso cativante e caloroso. Eu não costumava me abrir com estranhos. Quase nunca fazia isso, mas talvez eu estivesse mesmo precisando desabafar. Desde que tudo começou, eu falei apenas com Juan e Natalie e mesmo assim não entrei em muitos detalhes.

—Foi o que aconteceu comigo.

Eu me abri, revelando a um completo desconhecido tudo o que me aconteceu nos últimos meses. Vez ou outra minha voz ficava embargada e ele colocava a mão sobre a minha num gesto de conforto. Estava tão distraída perdida em minha narrativa que não notei quando uma jarra de suco foi colocada à nossa frente. Frederick nos serviu e eu parei um pouco meu monólogo e bebei um pouco do suco.

—Então é isso.

—Muito altruísta de sua parte. Mas e agora? O que restou aí? Um coração cheio de mágoa e aquele desejo de fazê-lo sofrer muito quando voltar com o rabo entre as pernas?

A ideia passou rapidamente pela minha mente e me causou tanto repúdio que não segurei uma careta.

—Por que eu faria isso?

—Por que não? Aquela velha história... o cara tinha a vida que nem ousou pedir a Deus e jogou fora por causa de uma paixão adolescente. Mentiu, magoou... por que não o fazer sofrer um pouco quando o arrependimento bater à sua porta?

—Porque isso seria ridículo. Olhe... Daniel realmente me magoou, me deixou triste por não ter confiado em mim, ter se distanciado. Mas eu não posso apagar tudo o que vivemos nesses sete anos. Daniel foi meu amigo, meu companheiro, meu amor. Um erro dele não pode apagar tudo de incrível que ele fez por nós.

—Você disse exatamente o que eu estava torcendo para ouvir. As pessoas costumam viver com o coração cheio de rancor demais e quando algo assim acontece, elas só pensam em pagar na mesma moeda. Isso é estúpido de tantas formas que fico irritado só de pensar. As pessoas apontam e julgam como se fossem o próprio Deus. Batem no peito como se fossem gorilas e dizem que se fossem com elas nunca perdoariam.

Eu ri debochadamente balançando a cabeça.

—Como se elas nunca tivessem errado na vida. Todo mundo, um dia vai errar, vai magoar alguém, mesmo que sem intenção.

—Exatamente. Não existe isso de erro mais ou menos grave. Um erro é um erro e sempre vai ferir a outra parte. Você pode até não o aceitar de volta, caso isso aconteça, mas daí a querer fazê-lo provar do mesmo veneno? Completo absurdo e sabe por que? Ele errou muito,

como você mesma disse. Isso faz dele um monstro? Não... isso faz dele um ser humano. Falho. Seres humanos erram. Eu erro, você erra. Nós erramos o tempo todo. Será que gostaríamos de ter o dedo apontado para nós sempre que errarmos?

—Sinceramente eu nunca pensei assim. Eu sei que também erro e que Daniel relevou tantas vezes que eu sequer me dei conta de que estava errando. Eu só sinto uma tristeza muito grande por ele não ter usado o que tínhamos de melhor que era nossa lealdade. Mas... quem sou eu para julgar? Quem garante que se fosse eu no lugar dele, teria feito diferente?

—Muito bem... é isso mesmo. É fácil falar quando não somos nós no banco dos réus. A teoria é a coisa mais linda do mundo. Mas a prática...

Ele fez uma careta e se calou enquanto bebia seu suco. Eu o observei com curiosidade, percebendo pela sua maneira de se comportar que era alguém bem de vida, financeiramente estável e provavelmente vindo de uma boa estrutura familiar. Quantos anos ele teria? Eu diria que uns cinquenta, no máximo. Até então eu não tinha prestado muito atenção nele e só nesse momento vi a aliança em seu dedo. Ergui meus olhos para ele, que me encarava com um sorriso brincalhão. E eu entendi tudo.

—Isso aconteceu com você, não foi?

—Sim. Minha história é bem parecida com a sua.

—E o que você fez?

—Eu me arrependi meia hora depois. —Falou e gargalhou. —E felizmente, minha adorada Laura é tão incrível quanto você. Não voltamos imediatamente... ela quis ter certeza dos meus sentimentos. Mas sem jogadas, sem artimanhas para que eu sofresse como ela. O amor não pode ser um jogo. Nunca.

—E sua Laura está com você?

A expressão dele murchou um pouco, como se estivesse triste, sofrendo.

—Sim. Ela foi se deitar um pouco. Está... doente.

—Oh... espero que ela se recupere logo.

—Sim, ela vai. Não permito que me abandone assim tão fácil, afinal são quarenta e cinco anos de casados.

—Quarenta e cinco? — Eu quase gritei chocada demais para acreditar. — Você tem quantos anos, afinal?

—Sessenta e cinco.

—O que? Está brincando comigo? Meu Deus... eu daria quarenta e cinco no máximo.

—É meu tempo de casado, como disse. Mas pelo visto foi um elogio, então obrigado.

—Gente... é uma xícara de formol de manhã e à noite?

Ele riu alto mais uma vez e acabei rindo com ele. Imediatamente minha mente tentou projetar a imagem de Daniel aos sessenta e cinco anos. Não consegui, mas certamente estaria com sua beleza madura e atraente como sempre foi.

Nós conversamos mais um pouco e então ele se despediu, prometendo que no dia seguinte levaria a esposa para que eu conhecesse.

—Você é uma boa mulher. E é por isso que ele vai voltar.

Ele já estava se afastando, quando se virou sorrindo.

—Se é que ele realmente foi.



Meu primeiro dia realmente acordada em Tromsø foi bem melhor que imaginei. Pensei que ficaria chorando em cada lugar visitado me lembrando de Daniel. Claro que pensei nele boa parte do tempo, mas me diverti também.

Mas agora, às dez da noite, deitada na cama com a televisão ligada, foi inevitável não me lembrar de nosso quarto, de nós dois juntos na cama. Conversando, fazendo contas... ou amor. Girei de lado, encolhi as pernas e o choro veio fácil, assim como as lembranças de nossa última noite juntos. Noite em que ele chorou comigo, não sei se tristeza, arrependimento... não faço ideia.

Novamente a dor estava presente, apertando meu peito, fazendo meu coração bater forte e as lágrimas aumentarem. Estiquei a mão pegando o celular, pela primeira vez tendo coragem de ligar o aparelho para conferir se havia alguma ligação.

Foi inevitável o bater ainda mais acelerado do coração ao ver tantas ligações de Daniel, outras da casa de Natalie, da minha casa e da Sweet. Mas o que mais mexeu comigo foi perceber que a última ligação feita por Daniel foi há menos de meia hora.

Eu me levantei com o celular na mão e segui para o terraço de madeira com balaustradas, que me oferecia a estupenda visão do Nodland. As luzes incidindo sobre ele eram de tirar o fôlego. E eu quase pude sentir Daniel atrás de mim, me abraçando pela cintura apreciando o espetáculo.

—Ah Daniel... como eu queria ter você aqui.



Capítulo 6

Setembro /2008

Minhas mãos começavam a suar enquanto aguardava a ligação ser completada. Meu coração batia tão forte que eu me perguntava se aquilo era normal. E mais...eu me perguntava se estava agindo certo. Não seria melhor esperar mais um pouco? Talvez, mas as inúmeras ligações de Daniel me deixaram curiosa. Ele queria o que? Agradecer-me por deixar o caminho livre?

Passavam das dez e meia da noite, portanto seis e meia da tarde em Fort Toment.

—Alô?

Eu sorri saudosa ao ouvir a voz de Natalie do outro lado.

—Natalie? Sou eu. Melanie.

—Oh minha filha! Que susto você nos deu. Como você está? Está tudo bem? Juan não quis dizer aonde você está.

Sorri, feliz com a fidelidade de Juan e com o carinho demonstrado nas palavras de Natalie.

—Desculpe, mas eu pedi a Juan para que não dissesse a ninguém.

—Sim. Eu entendo.

—Estou na Noruega. Desculpe por ter viajado assim tão intempestivamente, mas eu não aguentava mais. Eu precisava me afastar um pouco.

—Está tudo bem minha filha. Só quero que se cuide e fique bem. Você fez o que achou melhor. Eu também acho que precisavam desse afastamento para não se magoarem mais. Prometa que vai se cuidar?

—Prometo. —Falei com voz embargada e quase sucumbindo as lágrimas. —Eu vou ficar bem.

—Eu não vou contar...aonde você está.

—Eu sei.

Meu maior medo era de nunca mais poder ter o mesmo relacionamento com os pais de Daniel. Eles me acolheram como se eu fosse uma filha. Natalie era a mãe que há anos deixei de ter. Sei que eles sempre iam me considerar uma filha, mas eu não poderia esperar que não houvesse constrangimento.

—Mas me conte... o lugar é bonito?

—É maravilhoso, Natalie. Nossa...como eu gostaria de ter feito essa viagem com vocês.

Eu me calei imediatamente. O "vocês " incluía Daniel e só de pensar nele, no que ele poderia estar fazendo agora...ou com quem, me causava dor.

—Não faltará oportunidade, minha filha. Mas enquanto esse dia não vem, cuide de você, cuide desse coração e volte logo. Mas volte para nós.

Dessa vez eu não consegui segurar minhas lágrimas. Claro que eu voltaria para eles. Mas estaria faltando uma parte muito importante ali.

—Natalie...--Fechei os olhos por não conseguir segurar a pergunta.
—Ele...ele está bem? Daniel?

Eu ouvi seu suspiro e depois alguns instantes de silêncio. Por fim, Natalie falou parecendo triste e cansada.

—Está tudo bem por aqui, filha. Daniel vai ficar bem.

—O que isso quer dizer? Se ele vai ficar bem quer dizer que agora não está.

—Foi modo de dizer. Obrigada por perguntar. Ele está sendo bem cuidado.

Senti a saliva descer amarga pela minha garganta. Ele estava sendo bem cuidado. Por Anika? Mesmo assim eu não pude deixar de externar minha preocupação.

—Ele está trabalhando muito. Converse com ele.

—Fique tranquila, ok? Va se distrair um pouco e não se esqueça de que nós amamos você.

—Também amo vocês.

Dizer aquelas palavras provocou uma dor tão forte em meu peito que solucei e me despedi rapidamente de Natalie. Encostei a cabeça na parede e deixei que as lágrimas fizessem seu trabalho que era aliviar meu peito, limpando...tentando tirar a dor da saudade.

Somente meia hora depois, já recomposta, eu liguei para Juan que me pareceu cauteloso demais para conversar comigo.

—Tem certeza de que não está me escondendo nada Juan?

—Você falou que confiava em mim, Mel.

—E confio. Mas você me ligou tantas vezes que pensei que tivesse acontecido algo.

—E aconteceu. Você ficou de dar notícias assim que chegasse e não ligou. Fiquei preocupado.

Fingi que acreditei em suas explicações, já que ele devia saber que, pelo horário das primeiras ligações, não havia possibilidade de eu já estar na Noruega.

—Mas já que está tudo bem, fique tranquila que aqui está tudo sob controle. Va se divertir e mande muitas fotos para nos matar de inveja.

Eu sorri, sentindo meu coração mais leve, mas ainda assim com a sensação de que alguma coisa estava acontecendo e não queriam que eu soubesse.

Estremeci com a possibilidade de Daniel já ter sido visto com Anika em atitude íntima.

Irritada com o rumo dos meus pensamentos, eu admirei um pouco mais o lago e depois entrei no quarto, indo direto para a cama e me enrolando sob os cobertores.

Fechei os olhos com força, esfregando um no outro, os meus pés gelados protegidos pela meia. Como esperado isso me remeteu às noites frias com Daniel ao meu lado. Os braços sempre estavam a minha volta me aquecendo. Dessa vez eu teria que me contentar com os cobertores.

Antes que a melancolia me dominasse, eu dormi pesadamente. Mas ainda assim, ao amanhecer eu me lembrei perfeitamente dos meus sonhos. Um sonho onde eu pude me sentir aquecida e protegida. Um sonho onde intensos olhos verdes também eram responsáveis pelo calor em meu corpo, principalmente em meu coração.



Bolsa, celular e câmera fotográfica, além, claro, muito agasalho. Eram oito e meia da manhã quando sai do quarto para me dirigir ao restaurante do hotel. Depois de tomar o café da manhã eu ia aguardar a turma de turistas para explorarmos algum lugar maravilhoso como tantos que já vimos.

Porém, assim que entrei no restaurante vi Frederick acenar convidando a me juntar a ele. Enquanto me aproximava notei a presença da mulher à mesa. Ela usava um lenço azul cobrindo totalmente a cabeça. Seu rosto era espetacularmente bonito, apesar da palidez e das visíveis bolsas escuras sob seus olhos. No momento em que Frederick olhou para ela eu soube que aquela era Laura. Era visível o carinho com que ele a olhava.

—Bom dia.

—Bom dia Melanie. Daria o prazer de nos acompanhar?

—Se eu não for atrapalhar...

—Claro que não. Quero lhe apresentar...essa é Laura, a mulher da minha vida.

Meus olhos ficaram marejados, mas Laura apenas balançou a cabeça e abrindo um sorriso.

—Querida, essa é a Melanie, de quem lhe falei.

—Muito prazer Laura. Estou feliz em conhecê-la.

—O prazer é meu, querida.

Frederick puxou a cadeira para mim e então eu me sentei.

—Obrigada por ter feito companhia ao meu marido. Muito ruim

vir para esse paraíso e não poder desfrutar. Mas as vezes eu fico muito cansada.

—Laura teve câncer. E estamos aqui ao mesmo tempo para comemorar sua vitória sobre a doença e para que ela descanse um pouco.

—Oh...que bom que venceu essa luta, Laura. Sem dúvida é algo para ser comemorado.

—Foi uma dura batalha, mas sobrevivi.

—Mas e aí Melanie? Qual a programação para hoje?

Frederick perguntou enquanto eu me servia com uma xicara de café.

—Eu planejava procurar pela turma de ontem.

—Por que não se junta a nós? Frederick alugou um carro e vamos percorrer alguns lugares para ver os fiordes.

—Eu adoraria.

Foi realmente um presente conhecer aquele lindo casal. Eles se olhavam com tanto amor que foi impossível não pensar em Daniel e eu. Não sei se meu olhar para ele era como o de Laura para o marido. Mas sem dúvida o olhar de Frederick para ela era como Daniel olhava para mim.

Espantei esses pensamentos me concentrando na bela paisagem à minha frente. Eu alternava entre admirar tudo e observar o mapa que pegamos no Centro de informação turística. Passamos por Fagerners em direção a Breivikeidet. Atravessamos o Ullsfjorden de balsa até o vilarejo de Svensby. A partir daí eu já não conseguia mais prestar atenção ao mapa. Era beleza demais para que eu ficasse me atentando a detalhes como nomes dos locais.

Mas voltei a olhar o mapa apenas para conferir o nome do local

em que estávamos. Foi em Koppangen que vi e fotografei renas pela primeira vez em minha vida. Foram mais de cinco horas de passeio por regiões incríveis com seus belíssimos fiordes. Paisagens que eu sequer sonhava que existiam.

—Eu não quero ir embora sem ver a aurora boreal.

Laura falou após o jantar, já no hotel. Esse também tinha sido meu grande sonho. Ou melhor, ainda era, mas eu sempre quis ver isso ao lado de Daniel.

—Eu também não. Mas dizem que não é tão fácil.

—Temos que procurar os lugares certos. Frederick prestou atenção em tudo o que o guia disse em nosso primeiro dia aqui.

Eu deixei meu olhar vagar pelo lago, já que estávamos no espaço aberto do restaurante que propiciava a bela visão. A hora de dormir se aproximava e nesses momentos a melancolia voltava com toda sua força. Seria tão bom se eu pudesse ter a presença daquele casal o tempo todo. Era uma pena que não estivéssemos na época do sol da meia noite. Definitivamente eu não ia dormir.

—Está sendo difícil, não é?

A voz de Laura me fez voltar a realidade e eu a encarei.

—Frederick me disse, desculpe.

—Sem problema. Mas está realmente difícil. Até que enquanto eu estou na companhia de vocês, mal tenho tempo para chorar minha dor, mas quando chega à noite... Como você fez para superar, Laura?

—Não foi fácil para mim também. Doeu saber que Fred queria me deixar por causa de um rabo de saia. Nós terminamos e eu sabia que no momento em que saísse de minha casa ele ia procurar por ela. Bom, ele disse que não foi porque se arrependeu minutos depois.

—E vocês voltaram assim... rápido?

—Não. Ele se arrependeu. Não ficou com ela, mas também não me procurou. Ele sabia que eu estava magoada demais e qualquer tentativa de aproximação naquele momento seria realmente nosso fim. Eu trabalhava e estudava, poupava cada centavo pensando em construir nossa vida e ele de repente se interessa por uma vampira qualquer e pensa em me deixar. Foi doloroso. Eu tive que fazer várias reflexões até chegar à conclusão de que o problema nunca foi comigo. Eu me doeí o tempo todo. Não que ele não tenha feito isso, mas eu fiz mais.

Eu baixei meus olhos, brincando com o guardanapo sobre a mesa. A história deles era tão parecida com a minha! Porém eu tentava não me culpar. E também não queria pensar nisso agora.

—Eu o perdoei por sua falha, mas não voltamos de imediato.

—Por que não se vocês se amavam tanto?

—Porque só o amor já não era suficiente. Pelo menos não para mim. Eu estava chateada e até insegura. E eu sei que a qualquer deslize que fosse, se ele pelo menos dissesse uma frase que me chateasse... eu sempre ia jogar na cara dele que ele era o culpado de tudo. Então eu preferi assim... levando aos poucos.

—E como foi que vocês voltaram?

—Quando eu olhei para dentro de mim mesma e me vi falhando também, não com ele, mas com outras pessoas. Eu percebi que estava me tornando uma pessoa amarga e contaminava a todos com minha frustração. Cheguei a fazer até meditação para ficar em paz comigo mesma. Com meu coração, com meu corpo, com minha mente. E aqui estamos até hoje.

—É uma belíssima história sem dúvida alguma.

—Sim, mas nenhuma história bonita é conquistada sem sacrifícios, sem luta, sem concessões. A vida é assim. Por isso, se quer um conselho... apenas cuide do seu coração, cuide de você. Porque ficar

remoendo coisas desagradáveis só fará mal a você mesma.

Emocionada, eu coloquei a mão sobre a mão fria de Laura. Eu estava diante de uma mulher que batalhou não só pela sua cura, como também pelo amor. E eu tenho a certeza de que ela não se arrependia de nada. E eu a invejei porque queria me libertar da opressão em meu peito. Queria aceitar sem dor. Mas sei também que era tudo muito recente. Um dia ainda ia parar de doer.

—Não quero perder contato com vocês... nunca. Em tão pouco tempo se tornaram especiais para mim.

—Será bem-vinda a Nova York. E quem sabe um dia não iremos a Fort Toment também? Foi muito bom conhecer você também, Mel.

Nós duas estávamos com lágrimas nos olhos quando Frederick voltou olhando para nós duas com curiosidade. Mas ele sorriu vendo que ali era apenas o nascimento de uma bela amizade.

∞∞∞∞

Outubro/2008

Malas prontas... nem acreditava que já se foram três semanas aqui em Tromso. Já estávamos na primeira semana de outubro... como passou rápido. Infelizmente não tivemos chance de ver a aurora boreal, e hoje, nossa última noite no hotel, também seria nossa última oportunidade. Mesmo sabendo que essa já não era uma boa época para o fenômeno, nós fomos para Lyngsalpene. Eu fiquei entusiasmada e esperançosa, já que ali era uma cadeia de montanhas que barrava a umidade dos lugares próximos. Não havia nuvem no céu e não estava nublado como estava quando saímos de Tromso.

Armei o tripé que comprei dias atrás e programei a máquina do jeito que o guia turístico me aconselhou. Laura e Frederick também ajeitavam suas câmeras, todos ansiosos demais para que o espetáculo

acontecesse. Bom, mas se não fosse hoje, eu certamente voltaria um dia para tentar novamente.

Olhei ao redor, com vários carros e vans estacionados, pessoas espalhadas a espera do fenômeno. Quando um casal jovem passou por mim de mãos dadas, brincando como adolescentes, a imagem de Daniel veio a minha mente mais uma vez, fazendo meus olhos lacrimejarem. Novamente aquele desejo intenso de sua presença aqui ao meu lado.

—Meu Deus...

Laura ofegou ao meu lado, minutos depois, ao mesmo tempo em que eu arregalava meus olhos vendo o espetacular brilho difuso que caracterizava a tão esperada aurora boreal. Eu levei minha mão à boca, abafando meu soluço, mas não segurando o choro emocionado. Sem sombra de dúvida era uma das coisas mais fantásticas que já presenciei na vida. Meu coração batia forte, disritmado enquanto eu me agarrava à esperança de que meu futuro fosse tão emocionante quanto a aurora boreal.



Capítulo 7

Novembro/2008

Dizem que o tempo é o senhor da razão e à medida em que ele passa, todas as dores, tristezas e saudades vão perdendo sua força. Sempre acreditei nisso também. Não foi assim quando perdi meus pais? Com o tempo a dor perdeu força, restando ainda a saudade e lembranças de um tempo bom, mas que jamais voltaria. No entanto... isso foi bem antes. Hoje em dia, nesse exato momento eu já não concordava com essa bela ilusão. A realidade era assustadoramente diferente, pelo menos para mim.

A dor ia ficando cada dia mais forte e a saudade era um peso que eu já não conseguia segurar sozinha. Parecia que, em vez de seguir em frente, eu estava regredindo. Mas a verdade é que eu estava cansada de ser ou tentar me mostrar forte. Eu não era... não a esse ponto. Não ao ponto de perder o homem que mais amei na vida e seguir sorrindo como

se ele tivesse sido apenas uma brisa em um dia quente de verão.

Sei... bem lá no fundo eu sei que não sucumbiria ao amor que sinto por Daniel. Eu não ia cair, mas esse percurso que eu estava sendo obrigada a percorrer de repente me pareceu árduo demais.

Minha intenção, assim que sai de Tromsø era voltar para Fort Tøntø e seguir a vida. Mas a hipótese de encontrar Daniel, e ainda por cima, acompanhado por Anika me fez declinar da ideia. Eu não estava preparada ainda. Mas o pior de tudo isso era não ter nenhuma notícia dele. Eu evitava perguntar, e assim ninguém falava nada. Quando ousei perguntar há alguns dias, Natalie disse que estava tudo bem com todos e mudou de assunto.

Sei que era meio masoquista de minha parte buscar informações, mas além do amor que eu sentia pelo homem, havia o carinho que eu sempre sentiria por ele, meu amigo. Esse medo do que eu ia encontrar e a ausência de notícias fizeram com que eu me decidisse a prosseguir viagem.

Há anos eu não via minha tia, mantendo contato vez ou outra por telefone. Ela sequer pode comparecer ao meu casamento por estar muito doente, e pensando nisso eu decidi passar um tempo perto dela. Meu primeiro pensamento foi ficar em um hotel para não a incomodar, mas quando soube que eu estava indo, ela praticamente me obrigou a aceitar passar um tempo com ela.

Tia Verna sempre foi muito observadora, então logo que cheguei ela percebeu que havia algo de errado comigo. Eu não economizei palavras, contando tudo o que aconteceu desde quando conheci Daniel. E ela, claro, me ofereceu seu colo. Até então eu nem tinha me dado conta do quanto eu precisava daquilo. Foram horas de choro e no final, restou a resignação. Pelo menos eu pensei assim.

A verdade é que provavelmente meu psicológico sofreu um abalo tardio e só agora eu começava a intercalar momentos de alegria com horas de profunda tristeza. Apesar disso, eu estava gostando de passar aquela temporada ali. A casa de tia Verna era espaçosa e a ajudar cuidar

das plantas na estufa se tornou uma atividade interessante.

—Sabe... eu acho que você deveria ligar para ele.

—O que? — Perguntei girando o corpo para encará-la. —Para o Daniel?

—Sim. Eu vejo como você fica aflita a espera de notícias dele e decepcionada quando ninguém diz nada. Então ligue para ele.

—Ficou louca? Imagine se ela atende? Eu não vou suportar isso, tia. Não vou mesmo.

—Bom, talvez começar a tocar no assunto por telefone seja menos doloroso que pessoalmente. E uma hora vocês terão que fazer isso.

—É complicado.

Falei voltando a preparar o arranjo de flores como ela tinha me ensinado. Ela possuía uma pequena floricultura conjugada com a casa e ajudar a preparar arranjos também se tornou uma terapia.

—Nós é que complicamos tudo. Se ele quis terminar o casamento para ficar com outra, tudo bem. É um direito dele. Eu não concordo com a forma que ele agiu. E então o que você deve fazer? Falar, externar sua mágoa e assim cada um seguir seu rumo, se for esse o desejo de ambos.

—Não digo que sinto mágoa. Acho mágoa uma palavra muito forte e nociva. Eu fiquei aborrecida, triste... sei lá. Nós sempre confiamos no outro para falar sobre tudo. Eu me pergunto... o que ele estava pensando? Que eu faria uma cena e me jogaria aos pés dele? Se foi isso, fico triste por ele não me conhecer realmente. Porque eu ia sofrer se ouvisse isso dele, tia, mas seria mais fácil aceitar porque pelo menos ia demonstrar que se preocupava comigo. Mas não foi assim.

—Homens são assim mesmo, filha. Metem os pés pelas mãos o tempo todo. Olhe... se seu tio fosse vivo pode ter a certeza de que eu já teria tentado mata-lo várias vezes.

Eu ri alto, me sentando na cadeira para descansar as pernas.

—Mas é mesmo. Eles são do tipo que, se você quiser que eles façam algo certo, deve pedir o contrário, Só assim dará certo.

—Que horror, tia. Daniel não era assim.

—É, mas errou omitindo coisas de você. E errar também não é um crime. Mas não fuja do assunto. Você disse que não sente mágoa... então está no caminho certo para pôr um ponto final nessa história. Sem mágoas, sem ressentimentos, apenas exija que lhe explique o motivo para ter omitido. Mas já vou avisando... não há motivos. Homens são assim... simplesmente. Burros.

Eu ri, mas não concordava totalmente com ela. Mas tentei olhar para dentro de mim, como Laura disse, e busquei por algum indício de mágoa contra Daniel. Não havia. Havia tristeza, desilusão... não sei ao certo. Decepção! Sim. Essa era a palavra ideal.

—Vamos parar para fazer um lanche? Quero descansar minhas costas. Uma velha como eu não pode ficar se arriscando com a coluna ou daqui a pouco estarei igual ao corcunda de Notre Dame.

—Deixa de ser boba, tia. — Falei depois de gargalhar. —Está inteira ainda. Forte, saudável.

—Você é que não me parece nem um pouco saudável. Você emagreceu desde que chegou aqui, sabia? E nem é falta de comida, porque você é boa de garfo.

—Presente da genética.

—É... puxou isso de seu pai que era um comilão, sedentário e tinha um corpo de atleta. Até hoje desconfio que ele se exercitava escondido só para ter o prazer de dizer que aquilo era genética.

Sorri fraco, triste ao me lembrar do meu pai. Em minhas fracas memórias, ele estava sempre sorrindo, brincando comigo e me

colocando sobre seu ombro quando íamos para a igreja aos domingos.

—Amanhã vamos a Champs Élysées. Amo demais aquele lugar e será bom para você se distrair.

—Fala isso como se não tivéssemos ido dia nenhum. Mas tudo bem, eu realmente amei aquele lugar.

—Ok... vamos lá então jogar comida para dentro, porque saco vazio não para em pé.

Enquanto comíamos o lanche, eu sentia o olhar de minha tia sobre mim. Aquilo era até interessante, já que ela não tinha papas na língua e ficar me encarando sem dizer nada era no mínimo estranho.

—Fale logo, tia. O que é?

—Falei sério quanto a ligar para o Daniel. Ficar remoendo coisas não vale a pena.

—Não estou remoendo nada.

—Claro que está. Querendo saber o motivo para ele ter mentido para você. Eu já disse... não há motivo. Talvez medo, sei lá. Mas escute, Mel... a vida é muito curta. Um minuto perdido pode custar a vida inteira.

Engoli seco entendendo que ela se referia à minha prima Shanya.

—Vocês não fizeram as pazes?

Ela negou balançando a cabeça.

—Eu guardei tanta mágoa, tanto rancor por ela ter engravidado daquele canalha e fugido com ele para se casar, jogando o nome da nossa família na lama. Quando eu soube que a vida dela não estava boa, eu não estendi a mão, a princípio. Fiz questão de dizer que ela procurou por isso, que ela escolheu seu destino. Eu me preocupava com ela e queria ajudar, mas antes queria magoa-la também. E então quando eu

finalmente disse que ela poderia voltar para casa... acontece aquela desgraça.

—Tia... eu sinto tanto. Eu só fiquei sabendo disso tempos depois quando liguei e a Polly me disse.

—Eu fiquei em uma depressão tão profunda que realmente nem pensei em ligar para você, Mel. Desculpe. Ela se foi e eu nem tive a oportunidade de dizer que eu a perdoava. Essa é uma culpa que levarei para o resto da vida. Isso não me faz bem, eu sei, mas é inevitável.

∞∞∞∞

Eu bem que tentei seguir os conselhos da minha tia, mas ao ligar para Daniel, a ligação foi direto para a caixa postal. Eu não tive coragem de ligar novamente. Agora, encolhida sob as cobertas, eu liguei para Juan.

—Isso está uma loucura, Mel. O movimento cresceu mais ainda. Olhe, você já pode começar a pensar em expandir isso. Às vezes as pessoas saem daqui desconsoladas porque não há nenhuma mesa vazia.

—Que alegria ouvir isso Juan. Assim que eu voltar vamos pensar nisso.

—Sim. Um bom engenheiro poderá nos auxiliar e...

Ele se calou, talvez se dando conta do que tinha acabado de dizer. Essa foi minha deixa para fazer a pergunta que estava entalada em minha garganta.

—Juan, você tem visto o Daniel?

—Desculpe, Mel. Esqueça o que eu falei. Mas a gente pode...

—Juan! — Eu o interrompi. —Não fuja do assunto, inferno. Parem de tentar me proteger de tudo. Eu não quebro, sabia? Tem ou não

visto o Daniel?

—Não. Eu só ouvi dizer que ele está viajando.

—Ah...

Eu engoli seco e me acovardei. Talvez ele estivesse viajando a trabalho. Mas o pesar na voz de Juan me deu a impressão de que ele estava viajando com ela. Ou eu estava imaginando coisas? A notícia me abalou mais do que eu esperava. Então era por isso que Natalie andava tão reticente durante minhas ligações?

Eu mal me despedi de Juan e joguei o celular ao chão, girando na cama e enterrando meu rosto no travesseiro para abafar minhas lágrimas. Chorei por horas até dormir.

Mas na manhã seguinte, ainda com os olhos inchados, eu tomei uma decisão. Dias atrás eu vi algo a respeito de um curso com um dos chefes mais requisitados de Paris. Seria interessante aprender coisas novas e quem sabe implantar na Sweet. O curso teria duração de trinta dias, ou seja, após o Natal eu já poderia voltar para Fort Toment e enfrentar a minha realidade.

∞∞∞∞

As noites eram as piores...bem piores. Eu me sentia uma atriz. Durante o dia eu sorria...gargalhava e conversava naturalmente como se felicidade fosse uma constante em minha vida. Mas quando chegava a noite eu abandonava o palco, tirava a máscara e revelava minha alma para as paredes do quarto. Como imaginei, eu estava regredindo. A dor que eu sentia sempre que pensava em tudo o que perdi vinha com força total.

Ha três dias eu comecei o curso com o famoso Jean-Louis Delacroix, e embora eu estivesse bastante entusiasmada, ainda não era o suficiente para dizer que eu estava seguindo em frente. A dor e a saudade eram minhas companheiras. Nunca as noites me pareceram tão

longas e frias.

Essa era mais uma noite em que eu me encolhia na cama...solitária. Quase vazia. Como se minha alma estivesse vagando por aí e restasse apenas meu corpo aqui.

Eu ouvi o toque na porta que foi aberta em seguida, não me dando oportunidade de secar minhas lágrimas e muito menos fechar os olhos na tentativa de fingir que dormia. Minha tia entrou no quarto segurando uma caneca e se sentou na beirada da cama.

—Ah minha filha...

Falou consternada, colocando a caneca sobre o criado e me puxando para os seus braços. Não me segurei e o soluço ecoou pelo quarto como se fosse um abre alas para as lágrimas abundantes.

—Chore, querida... vai fazer bem.

Por alguns minutos eu apenas me permiti chorar nos braços da minha tia, que alisava meus cabelos, mas respeitando minha dor e permanecendo em silêncio.

—Eu sinto tanta falta dele, tia... tanta.

—Querida... eu realmente não sei que conselho dar a você. Mas uma coisa eu posso dizer. Você precisa se cuidar. Você não está se alimentando direito, só vai dormir bem tarde. Pensa que não ouço lá do meu quarto?

—Não sinto vontade de nada.

—Mas precisa fazer um esforço. Tome... —Esticou a mão e pegou a caneca e me entregou. —Beba esse chocolate quente. Não há nada melhor para curar uma depressão e essa eterna TPM.

Meu olhar parou nela por um instante e em seguida eu peguei o que ela me oferecia, embora tivesse a certeza de que não seria isso a me libertar desse estado.



Capítulo 8

Dezembro/2008

O primeiro dia de dezembro chegou me tirando o chão completamente. O envelope em minha mão parecia pesar uma tonelada e tudo o que eu queria agora era chegar na casa da minha tia e me jogar na cama, chorando descontroladamente como eu vinha fazendo nos últimos dias.

Um ou outro transeunte me parou, perguntando se eu estava bem ou se precisava de ajuda. Eu estava bem? Eu não sei! Minha cabeça estava cheia, eu não tinha condições de pensar com clareza. Eu tinha toda a Champs Elysees à minha frente, com sua beleza quase ultrajante a presentear meus olhos. Olhos que não viam. Olhos nublados e inchados.

Eu não sei a que horas cheguei em casa e muito menos como cheguei. Se esbarrei com minha tia pelo caminho, certamente a ignorei.

Fui direto para o quarto que vinha ocupando desde que cheguei, e, ainda, com lágrimas escorrendo pelo rosto, eu tirei minha roupa, sem me preocupar com frio. Eu estava tão anestesiada que provavelmente nem a temperatura seria capaz de me despertar.

Entrei sob a ducha, e ali, debaixo dela, eu me agachei apoiando os braços em meus joelhos e colocando a cabeça entre eles. Meu corpo foi sacudido por soluços. Como ainda podia existir lágrimas? O que eu tinha feito nas últimas semanas ao chegar em casa a não ser chorar? Meus olhos viviam inchados e as olheiras eram impossíveis de disfarçar mesmo com quilos de maquiagem.

Somente quando minha cabeça começou a latejar um tempo depois, eu me levantei com dificuldade, me apoiando na parede e por fim tomei meu banho. Depois de me vestir com calça e camisa de moletom, calcei as meias grossas que ganhei de tia Verna e sequei meus cabelos com a ajuda do secador.

Tudo automático, como se eu estivesse programada para fazer apenas aquilo e nada mais. Através do espelho eu vi o envelope sobre a cama e fechei rapidamente os olhos. Mas me levantei e o peguei, colocando sobre o criado, me deitando na cama e passando os braços à minha volta.

Num ato impensado, eu peguei meu celular e liguei para Daniel. Senti vontade de atirar o celular na parede ao perceber que mais uma vez caía direto na caixa postal. Que merda estava acontecendo? Ele mudou o número para que eu não ligasse para ele? A raiva explodiu em mim e digitei com força desnecessária o número da casa dos pais dele. Foi Natalie quem atendeu e eu precisei de todo meu esforço para não fazer nenhuma grosseria com ela.

—Natalie, sou eu... Mel.

—Oi Mel. Como você está? Estamos com saudades.

—Onde está o Daniel?

—Daniel? Eu... eu não...

—O que vocês estão me escondendo? Ele não quer falar comigo, não é? Toda vez que eu ligo dá caixa postal. Ele mudou o número para não ter que falar comigo, é isso?

—Mel, querida... claro que não.

Mas eu estava beirando o descontrole. Não queria mais conversa, não queria ouvir o nome de Daniel. Nunca mais.

—Está tudo bem, Natalie. Eu já entendi. Adeus.

—Mel...

Eu desliguei o celular, enfiando meus dedos em meus cabelos e balançando a perna incontrolavelmente. Ouvi o toque do celular, mas ignorei. Eu não queria mais falar com ninguém. Eu só queria ficar sozinha... sozinha!



O dia estava deliciosamente frio. Através da janela era possível ver os flocos de neve caindo, transformando a paisagem, anunciando a proximidade do Natal. Ainda faltavam mais de vinte dias, na verdade, mas dezembro inteiro para mim significava Natal.

Mas nem mesmo a bela paisagem provocada pela minha estação preferida do ano era capaz de trazer algum alívio ao meu coração. Nada poderia curar a dor que eu sentia. Meus olhos vermelhos e inchados ardiam pelas longas horas de choro... ou melhor, dias de choro. Ainda não sei como encontrei forças para continuar sentada no sofá da sala, enrolada em um cobertor... vendo o fogo crepitando na lareira. Eu sentia falta da nossa casa, da nossa varanda onde sempre nos deitávamos na rede, mesmo nas noites frias. Eu sentia falta dele.

E quando eu estava aqui, sem a presença da minha tia, eu me

sentia mais só do que nunca. Queria voltar para Fort Toment, afinal eu tinha um negócio próspero que não podia mais ser negligenciado, apesar de saber que Juan cuidava de tudo muito bem. Mas voltar para lá significava rever Daniel.

De uma forma meio masoquista, eu tentava imaginar como ele estaria agora. Aquela mulher também se encolhia nos braços dele se sentindo imediatamente aquecida? Ela fechava os olhos completamente deleitada enquanto ele acariciava seus cabelos? Ela fingia dormir para que ele a levasse nos braços até a cama?

Eu forcei minha mente a se desligar completamente. Eu não 'podia imaginar os dois na cama... na nossa cama. Na mesma cama em que ele me amou por incontáveis noites, tardes e manhãs. Meu Deus... por quê? Doía... doía muito. E agora tudo parecia muito pior.

No entanto, eu aprendi que ninguém, ser humano ou não, vive feliz se estiver se sentindo preso. Sei que de alguma forma, Daniel me amava. Mas em um relacionamento nem sempre o amor é o alicerce. Entre nós não havia mais cumplicidade, não havia mais companheirismo. Mesmo quando ele estava batalhando para conquistar tudo o que tinha, Daniel jamais chegou em casa tão tarde. Ele fazia questão de passarmos algumas horas juntos.

E tudo isso mudou quando aquela mulher retornou à vida dele. Eu a odiava. E não era ódio por ela ter me roubado o homem que eu amava porque ela não fez isso. Ela não o roubou, pelo menos não totalmente. Eu o deixei ir. Mas eu a odiava por ser quem ela era. Alguém que o desprezou e o chutou sem a menor consideração. Alguém que só pensava em status e dinheiro.

Hoje, Daniel era um homem bem de vida... e assim conseguiu conquista-la. Mas por Deus, será que ele não percebia que ela só se interessava pela posição dele agora?

Se eu o perdoava? Claro que sim... há muito tempo. Ele não me traiu e eu tenho certeza disso. Pelo menos, não fisicamente. Mas ninguém manda no próprio coração. E com ele não poderia ser diferente.

Finalmente Daniel ia poder viver o seu grande amor da adolescência. Eu sai de cena para que outra protagonista, o amor de sua adolescência ocupasse meu lugar. Ou melhor, ela estava retornando ao seu lugar.

E eu? Eu seguiria meu caminho, sozinha como estive por muito tempo. Eu ia seguir em frente, porque como eu disse a ele certa vez: ninguém morre por amor. E eu não seria a primeira. Sei que não seria fácil porque eu o amava muito..., mas eu também me amava.

Eu me repreendi por causa desses pensamentos logo em seguida. Como eu poderia dizer que estava sozinha? Eu não estava sozinha e nunca mais estaria. Eu explodi em lágrimas novamente e foi nesse momento que tia Verna chegou, me olhando cheia de piedade.

—Oh Mel... estou preocupada com você. Eu não sei o que fazer para te ajudar. Estou com medo que você desenvolva uma depressão e...

Eu a interrompi.

—Eu estou grávida.

—O que? — Ela caiu sentada no sofá com a mão no peito. — Oh meu Deus... então está explicado tudo isso que vem passando. Mas espere...há quanto tempo?

—Vou entrar na nona semana.

—Oh meu Deus... quase três meses! Como você não percebeu nada, Mel?

—Não sei, tia. Eu nunca fiquei grávida antes. E além do mais, em outubro quando estive na Noruega eu menstruei. Como eu poderia adivinhar?

—Mas alguma mudança em seu corpo, nos seios, cintura... enjoos?

—Bom, depois que vi o resultado do exame eu fui me olhar no espelho e notei algumas mudanças. Mas não senti enjoos, tonturas... nada.

Tia Verna ficou me olhando por um longo tempo sem dizer nada. Eu já estava começando a ficar incomodada quando ela abriu um sorriso largo.

—Sua sortuda. Com sua mãe foi a mesma coisa. Mel!

Ela me abraçou com força e depois colocou a mão em meu ventre.

—E eu pensando que esse choro todo era pelo Daniel.

—Mas era por ele.

—Mas ficou tudo mais intenso por causa dos hormônios da gravidez e....

Ela se calou abruptamente, mais uma vez me encarando com aquele olhar avaliativo. Eu já imaginava o que estava se passando pela cabeça dela.

—Eu vou contar a ele, tia.

—Tem certeza?

—Óbvio! Eu nunca esconderia isso. Estávamos planejando um bebê, tia. Daniel vai adorar saber que vai ser pai. Eu não sou o tipo de mulher que esconderia um filho, e muito menos o usaria para chantagear o pai.

—E se ele quiser voltar para você por causa desse bebê?

Eu baixei o olhar, observando minhas mãos cruzadas sobre o colo. Era uma possibilidade. Nojenta, mas era. Mas eu tinha certeza de que isso não aconteceria... ou quase certeza.

—Se isso acontecer, tia, então eu terei a certeza de que nunca o conheci verdadeiramente.

—Eu não esperava outra coisa de você. Quer dizer então que vai

me abandonar?

—Não fale assim. Apesar de minhas noites depressivas, passei bons momentos aqui. Mas eu fico para o Natal. Vou terminar o curso e então volto para casa. Daniel precisa saber que vai ser pai. Tenho certeza de que vai querer acompanhar cada etapa dessa gravidez.

—Tem ideia da dádiva que recebeu, filha? Um bebê com o homem que você ama, mesmo com toda a crise que estão vivendo. É o sol depois da tempestade.

—Depois não, tia. Durante.

Porque aquela tempestade estava longe de terminar. Eu só temia que Anika tentasse impedir Daniel de conviver com o filho. Eu não ia lutar pelo amor dele, se ele não o quisesse mais, mas eu tinha todo o direito de lutar para que meu filho tivesse a atenção do pai. Disso eu não abria mão. A não ser, é claro, que até sobre isso Daniel tivesse mudado de ideia. Ai, como disse à minha tia, eu ia perceber que eu nunca o conheci... e o riscaria de vez da minha vida.

∞∞∞∞

Nua, em frente ao espelho, eu passava a mão pelo meu ventre. Girei de um lado a outro, observando as sutis mudanças que antes eu não conseguia perceber. Sem que eu me desse conta, já estava chorando deslizando a mão pela barriga. Agora era diferente. Era um choro de emoção.

No dia anterior, quando recebi o envelope com o resultado do exame eu fiquei atordoada e por isso caminhei pela bela avenida de Paris sem enxergar nada. Além de não acreditar na minha ingenuidade por não ter percebido a gravidez, eu pensava na crueldade da vida. Daniel e eu estávamos tentando ter um filho. Um filho que veio no momento em que ele se foi. E pelo tempo de gravidez, não havia dúvida de que nosso filho foi concebido na última noite em que fizemos amor. Na noite em que Daniel chorou junto comigo, mesmo sem saber que aquela era uma despedida.

—Meu bebê...

Eu senti uma dor no peito, mas bem diferente do tipo de dor que eu vinha sentindo. Era uma dor gostosa, como se meu peito fosse pequeno demais para abrigar meu coração. Pequeno demais para abrigar todo o amor que eu já sentia pelo meu bebê.

Sorrindo, eu tentei imaginar a carinha dele. Parecido com o pai? Comigo? Uma mistura de nós dois? Senti vontade de correr e pegar o celular para dar a notícia a ele. Não ia conseguir esperar o fim do mês. Meu sorriso murchou ao me lembrar que ele não me atendia. Eu engoli seco, piscando para dispersar as lágrimas que ousavam se acumular em meus olhos.

—Meu Deus... será que me enganei tanto com ele?

Eu peguei o celular e liguei para Daniel. Uma... duas vezes e apenas caixa postal. Pensei em ligar para Juan, mas sabia que ele me diria palavras vagas. Ligar na Construtora estava totalmente fora de questão, principalmente por causa do horário.

—Droga, Daniel... não me decepcione mais, por favor.

Falei guardando o celular e novamente acariciando a barriga. Mas se ele reagisse mal à essa notícia, eu só poderia lamentar por ele. Não ia exigir nada, não ia brigar, não ia implorar. Sou mulher o suficiente para cuidar do meu filho sozinha. Para dar amor e carinho. Se ele recusasse esse presente que a vida nos deu, seria ele o grande perdedor.



Capítulo 9

Dezembro/2008

Impossível segurar minhas lágrimas ao pensar na ironia da situação. Durante muitos anos após a morte dos meus pais eu me abstive de comemorar os Natais. Comemorar o que, com quem e para quê? Essa era uma data em que a maioria ficava ao lado da família, e embora tia Verna sempre me convidasse, eu preferia ficar sozinha. Não havia mais sentido naquela comemoração.

Com o tempo eu fui me acostumando e para ser sincera, ficar sozinha nessa data chegava a ser reconfortante. Não havia abraço, não havia troca de presentes... apenas meus pensamentos, desejando poder trocar todos os presentes que já tinha recebido por ter meus pais novamente.

Mas então tudo mudou quando conheci Daniel. No primeiro natal como amigos, eu, como sempre me recolhi, ficando em casa curtindo solidão. Porém meu novo amigo não quis assim. Ele foi até mim e me convenceu a

criar novas lembranças de novos natais. E foram seis natais ao lado dele e dos meus sogros. Eu finalmente voltava a enxergar a beleza daquela data e realmente criei novas lembranças. Essas ficariam gravadas em minha mente e meu coração eternamente.

E agora, vinha a ironia da vida. Justamente o homem que fez reviver em mim aquela chama do espírito de natal... não estava mais comigo. E era por isso que eu chorava agora, com as duas mãos sobre minha barriga, triste e feliz ao mesmo tempo. Estranho, eu sei, mas eu sentia a melancolia de reviver os últimos natais com a felicidade de saber que nos próximos eu não estaria sozinha. Apesar de tudo, Daniel me deu o melhor presente que já recebi sem ao menos se dar conta disso.

—Obrigada por isso, meu amor.

Eu falei baixinho, os olhos baixos fixos em minha barriga ainda sem qualquer sinal aparente de um bebê crescia ali dentro. Passei as costas da mão sob os olhos, secando as lágrimas e me sentei de lado na cama, observando o luxuoso álbum que recebi de presente de Frederick e Laura. No dia seguinte à descoberta da gravidez, eu liguei para meus novos amigos e contei a novidade. Até cheguei a ser convidada a passar o Natal com eles, mas preferi ficar com minha tia, afinal era minha única família.

Minha prima Polly já tinha chegado de Londres com seu marido Kevin e o filho Ben, que vinha alegrando meus dias há uma semana. Eu me divertia com o garotinho de cinco anos e muitas vezes me peguei pensando se o meu seria tão esperto, saudável e cheio de vida como ele. No dia anterior, em companhia da minha prima fui fazer as compras de Natal, e claro, não me esqueci de presentes para meus funcionários e meus sogros. Apenas para ele não comprei nada. Eu nem fazia ideia de como eu seria tratada por ele quando nos reencontrássemos.

Novamente fui bombardeada por pensamentos estúpidos, tentando imaginar se ele estava feliz, se tinha mesmo decidido seguir seu coração e viver sua paixão. Assim, eu parei para pensar que eu não sabia nada a respeito daquela mulher. Abandonou Daniel há mais de sete anos e agora voltou para reconquistá-lo. O que ela fez durante todo esse tempo? Ela não se casou? Por que voltar justo agora?

Movida por súbita curiosidade, eu me levantei e fui até a mesa onde estava meu notebook. Eu me lembro de Daniel ter dito, assim que nos conhecemos, que Anika era uma modelo, mas eu não sabia até que ponto era famosa. Não era o tipo de notícia que eu acompanhava e tenho certeza de nunca ter ouvido seu nome como pessoa famosa.

Eu aguardava o notebook iniciar quando ouvi uma batida na porta e em seguida Polly entrou com as mãos cheias de sacolas.

—Embalar presentes!

Eu sorri e fechei o notebook, vendo a expressão envergonhada dela.

—Desculpe. Está ocupada?

—Não... estava apenas passando o tempo. Adoro embalar presentes.

—Ótimo.

Jogou as sacolas sobre a cama e voltou para trancar a porta.

—Ben adora ficar bisbilhotando. Mas e aí? Como está se sentindo hoje?

—Ótima.

Respondi enquanto pegava uma sacola. Dois dias após a novidade da gravidez, eu fui à minha primeira consulta de pré-natal. Vários exames foram solicitados, algumas vacinas e vitaminas foram receitadas. Às vezes eu ainda me perguntava se tudo aquilo estava realmente acontecendo. Tantas conversas, tantos planos para quando eu engravidasse e no momento da descoberta eu estava sozinha.

Até alguns dias atrás eu não tinha tido nenhum dos sintomas de uma gravidez, exceto algumas tonturas dias atrás. Mas agora eu começava a sentir meus seios doloridos, de vez em quando um formigamento em meus mamilos. Fora isso, tudo o que eu sentia era... plenitude. Aos poucos a ideia de ter um bebê dentro de mim ia criando mais força e eu me via cada vez mais extasiada com isso.

— Que bom. Eu me senti tão mal na gravidez do Ben... meu Deus. Às vezes eu achava que ia vomitar algum órgão. Nada parava no estômago... foi horrível.

—Mas e o parto foi tranquilo?

—Foi o esperado para uma primeira gravidez. Mas nem comece com neuras a respeito disso. No final, quando estiver com seu bebezinho você se esquece de tudo.

—Não estou pensando nisso por enquanto. Vou viver uma etapa de cada vez.

—Isso mesmo. Mas... e o pai do bebê? Mãe disse que estão separados.

—É... aconteceram algumas coisas que... —Dei de ombros sem saber como falar sobre isso. —Eu precisava me resguardar, cuidar do meu coração.

—Mas vai contar a ele, não é?

—Sim, claro. Daniel estava louco para ter um filho. Não gosto dessa ideia de um homem não saber que será pai. Aliás, já estou ficando incomodada por contar a ele quando já estiver entrando no quarto mês.

—É... mas ele terá muito tempo para curtir a gravidez com você. Vai ter tempo de ver a barriga ir crescendo, além de sentir os primeiros movimentos. É a sensação mais incrível do mundo.

Eu sorri, já ansiando por esse momento.

∞∞∞∞

Por mais que eu tenha tentando não demonstrar tanta melancolia, sei que falhei miseravelmente. Mas foi impossível controlar. Era noite de Natal e estávamos em volta do belíssimo presépio que tia Verna e eu montamos. Enquanto ela fazia suas orações e agradecimentos, eu fechei meus olhos me

lembrando dos natais passados. Daniel sempre permanecia com a mão presa à minha enquanto Natalie e Nolan rezavam. Nossos olhos se conectavam e ele sempre sorria para mim.

Polly afagou levemente minhas costas ao perceber como eu estava abalada naquele momento. Ofereci um sorriso entre lágrimas, dizendo a mim mesma que era apenas uma longa tempestade que logo chegaria ao fim.

Horas mais tarde participamos da ceia e trocamos presentes. Eu chorei emocionada quando recebi o conjunto de macacão, sapatinhos e manta em tom branco e amarelo dados por tia Verna. Era a primeira roupinha do meu bebê, porque embora eu tivesse tido o impulso de entrar numa loja para comprar alguma coisa... eu queria fazer isso com Daniel. Tenho certeza, que mesmo se estivesse com a outra, ele faria questão de participar disso tudo. E eu não ia o impedir de nada.

Passava um pouco da uma e meia da manhã quando eu me despedi de todos e fui para o meu quarto. Era a primeira vez que dormia tão cedo no dia de Natal. Porém, antes de me deitar, eu fiz o que meu coração mandava. Eu já tinha ligado para Juan horas mais cedo, e agora ia ligar para Natalie, sabendo que ela sempre acordava cedo, não importava o dia. Já eram sete e meia da manhã em Fort Toment e não seria tão deselegante ligar a essa hora. Natalie atendeu ao primeiro toque.

—Bom dia, Natalie. Espero não a ter acordado.

—Mel! Oh minha querida, que saudade. Não... eu já estava acordada há um bom tempo. Como você está?

—Estou bem. Estou ligando para desejar Feliz Natal a vocês e dizer que senti muita falta de todos.

—Minha filha... também sentimos muito a sua ausência. Desejo um feliz Natal para você também. Que todas as bênçãos recaiam sobre você. — Eu já estava chorando antes mesmo de ela terminar de falar. — Oh meu Deus, sim, querido... Seu sogro insuportável está mandando um abraço bem apertado.

—Mande outro para ele. Amo muito vocês.

—Nós te amamos também. E estamos esperando sua volta.

—Irei no final dessa semana, Natalie.

—Que maravilha. Essa é realmente uma notícia maravilhosa.

—Bom, eu só queria mesmo desejar feliz natal. Foi... foi difícil passar essa data longe de vocês.

—Foi a mesma coisa aqui. Nolan e eu fomos deitar às dez da noite..., mas, enfim, ligue assim que chegar está bem? Eu irei visita-la... ou venha até nós.

Mas minha mente já estava focada em outra coisa. Como assim foram deitar às dez da noite? Sempre fizeram questão de fazer as orações à meia noite. Era por causa de Daniel? O que diabos ele pensava que estava fazendo?

—Natalie..., mas e as orações à meia noite?

—Fizemos mais cedo dessa vez e fomos nos deitar. Estávamos cansados.

—Mas... e Daniel? Natalie, não minta para mim... ele não passou a noite de Natal com vocês?

—Não. Mas ele...

Eu fechei meus olhos com força e inspirei, tentando a todo custo não fazer um pré-julgamento. Eu não fazia ideia de como as coisas ficaram depois que sai de lá, portanto eu não tinha direito de jogar pedra. Eu precisava entender o que estava se passando.

—Olhe, não precisa dizer nada. Nós vamos conversar quando eu chegar aí está bem?

—Está bem, filha, mas não fique preocupada. Está tudo bem com todos. E quero que você fique bem também.

Mesmo após desligar e me deitar, as dúvidas ainda se acumulavam em minha cabeça. Não queria pensar que Daniel pudesse ter deixado de passar o natal com a família por causa daquela mulher. Por mais que eu tentasse não julgar, estava sendo difícil. Estava tão apaixonado assim?

Pensar nisso me fez lembrar do que eu estava prestes a fazer quando Polly me chamou para embalar os presentes. Sem me importar com o sono, eu me levantei e peguei o notebook. Ia pesquisar sobre Anika.

Assim que liguei o notebook, abri o navegador e digitei o nome dela em um site de buscas. A princípio só surgiram notícias de seu tempo como modelo. Um tempo até curto demais, e de acordo com um dos sites, ela abandonou a profissão por questões pessoais. Não havia nenhuma informação, nem mesmo em sites de fofoca sobre sua vida pessoal.

Eu já estava quase desistindo dessa busca infrutífera quando um site me chamou a atenção. Cliquei no link e ao abrir a página me deparei com uma foto de Anika. Eu não podia negar que ela era realmente uma mulher lindíssima, mas mimada, arrogante e interesseira. O modo como ela agiu com Daniel era imperdoável. Bom, imperdoável para mim, já que ele parece a ter perdoado.

Rolei a página e comecei a ler a notícia. Meu coração disparou e à medida em que eu lia, sentia minha boca se abrindo e meus olhos cada vez mais arregalados. Percebi minhas mãos tremendo enquanto clicava na barra de rolagem. Aquilo não podia ser verdade. Querendo tirar a história a limpo, eu abri nova guia e digitei algumas palavras contidas na matéria. Achei uma pequena notícia, que continha as mesmas informações da outra. Chequei as informações do site, constatando que era um confiável.

Quando dei por mim, as lágrimas já escorriam pelo meu rosto. Quantas vezes eu disse a mim mesma para não fazer pre- julgamentos? No entanto, agi da mesma forma. Quer dizer, na verdade, nem foi bem um pré- julgamento. Eu apenas me baseei na forma como ela tratou Daniel. Em como ela o fez sofrer por ganância. Mas agora tudo tinha mudado e parecia uma revolução dentro de mim.

Continuei lendo até o final e por fim, me decidi a salvar aquelas

páginas. Não sei bem o que eu pretendia com isso, mas preferi fazê-lo. Subi a tela novamente e parei na imagem dela. Anika Ebner. Loira, olhos azuis, sorriso bonito. Fez sucesso no pouco tempo em que desfilou nas passarelas, para pouco tempo depois se afastar definitivamente. Mas o que mais me deixou atordoada foi o restante da notícia. Como é a vida, não é?



Capítulo 10

Dezembro/2008

O sobretudo, mesmo em conjunto com as camadas de blusas, calças, cachecol, meias e botas ainda não era suficiente para amenizar o frio que eu sentia. Cruzei os braços à minha frente, como se me abraçasse e encolhi os ombros num gesto quase automático. Eu bem sabia que não era o frio provocado pelo clima. Era o que costumavam chamar de frio da alma. Era exatamente assim que me sentia. Uma alma fria, porém, não solitária. O bebê que crescia dentro de mim me dava forças para não sucumbir à tristeza e saudade.

Embora eu não tivesse mudado de ideia, e não fosse mudar nunca, em relação a contar a Daniel que ele era pai, confesso que estava um pouco apreensiva. Não pela reação dele, mas pela minha reação ao ficar frente a frente com ele. Eu não segui em frente, não me curei e duvido muito que conseguiria em tão curto prazo. Obviamente um dia esse amor deixaria de

massacrar tanto o meu peito, mas levaria tempo, eu sei.

Sentada em um banco, eu observava as pessoas, principalmente casais que deslizavam na pista de patinação de Trocadéro. Sempre tive vontade de fazer isso, mas agora me parecia um sonho bem distante, ou quase impossível. Não estou dizendo que jamais teria essa oportunidade novamente, mas o parceiro que eu imaginava comigo era agora quase inalcançável.

Passei a mão coberta pela luva sob os olhos, secando lágrimas ridículas que insistiam em cair. Eu não parava de pensar nele, e não era apenas pelas notícias recém descobertas, mas porque uma estranha sensação tomava conta de mim. Eu podia dizer quase com certeza que estavam me escondendo alguma coisa, mas o que? Eu só conseguia imaginar que poderia ser algo com Daniel e Anika. Provavelmente eles tinham assumido a relação e por isso todos temiam minha reação ao voltar. Não queria ficar fazendo suposições ou julgamentos, mas também não tinha coragem de interpelar Natalie ou Nolan exigindo uma resposta. Eu não tinha esse direito.

Cansada de ficar massacrando minha mente com esses pensamentos, eu me levantei e caminhei lentamente em busca de um táxi para voltar para casa. Hoje tinha sido a confraternização da turma do curso, mas eu não fiquei muito tempo por lá. Eu não estava no clima para comemorações. Além do mais, fiquei sem bateria e não avisei tia Verna. Quando finalmente consegui um pouco de carga, não consegui falar com ela. Não queria que ela se preocupasse comigo, mais do que já estava.

Dentro do táxi, eu inclinei um pouco a cabeça para trás e fechei os olhos. Imediatamente as palavras lidas dias atrás naquele site vieram à minha mente. Por mais que eu tentasse não pensar, estava se tornando uma tarefa quase impossível. Tudo o que li não justificava as atitudes de Daniel, mas de certa forma, me fazia enxergar várias coisas por um ângulo diferente.

Com cuidado, eu desci do táxi quinze minutos depois, me encolhendo novamente ao sentir o vento gelado. Ajeitei o cachecol e caminhei até a entrada da casa, estranhando as luzes ao redor da estufa acesas. Minha tia nunca se esquecia de apaga-las e provavelmente não deveria estar lá até agora, principalmente por causa do frio. Embora acostumada com o clima da cidade, ela reclamava demais da temperatura e dos reflexos em seu corpo.

Parei, indecisa entre ir até lá e seguir direto para casa. Eu me decidi pela primeira. Se tia Verna tivesse simplesmente esquecido, eu deixaria tudo do jeito que ela gostava. Novamente com muito cuidado por causa do chão molhado, eu segui até a porta de vidro e a empurrei, observando ao redor.

—Tia Verna? Ainda está aqui? —Dei mais alguns passos, não notando nada de anormal. — Tia Verna?

Sem resposta, eu me convenci de que tinha sido apenas esquecimento dela. Apaguei as luzes e puxei a porta, caminhando dessa vez em direção a casa. Esperava que ela estivesse com a lareira acesa, para que eu pudesse me aquecer pelo menos um pouco em frente a ela. Apesar de tudo, da falta que sentia dos meus amigos, de Daniel, meus sogros e meu trabalho, eu também ia sentir falta daqui. Tia Verna era uma companhia muito agradável e por isso mesmo me recriminei por ter passado tanto tempo ausente.

Eu já estava com a mão no trinco da porta quando ouvi um gemido. Forcei o trinco, constatando que a porta estava destrancada, e então segui direto para a sala. Parei subitamente levando a mão ao peito ao ver tia Verna caída no chão, estática e com uma careta de dor.

—Tia! Oh meu Deus...

Eu me aproximei e ajoelhei ao lado dela, segurando sua mão. Meu coração saltitava tamanho susto que levei ao vê-la daquele jeito.

—O que aconteceu?

—Não... sei. Escorreguei não sei em que. Ah... dói demais. Não consegui... levantar.

Ela estava sem fôlego, não sei se de dor ou de outra coisa em decorrência da queda. Peguei o celular em minha bolsa, mas vendo que ainda estava com pouca carga, eu me levantei e fui até o telefone.

—Não chamou a emergência? Há quanto tempo está aí?

—Não... não alcancei o telefone. Não sei quanto tempo. Meia hora...

talvez.

Rapidamente disquei para a emergência, os olhos fixos em tia Verna, um tanto apavorada ao vê-la fechar os olhos. Não queria que ela percebesse o quanto estava nervosa, pois certamente ela ia brigar comigo. Mas o que eu podia fazer? Não é como se fosse uma queda simples. Ela mal conseguia se mexer!

—O pessoal da emergência já está vindo, tia. Não vou mexer na senhora porque pode ser perigoso.

—Nem se atreva... você...hum...

Ela fez uma careta de dor... e eu me apavorei mais um pouco. Ultimamente eu estava mais emotiva, eu diria talvez um tanto fragilizada. E ver tia Verna daquele jeito me deixou abalada. Felizmente a equipe de emergência chegou rápido, e enquanto faziam todos os procedimentos seguros para a colocar em uma maca, eu procurei por sua bolsa com documentos.

—A senhorita vai acompanhá-la?

—Sim.

Respondi ao homem, que eu não sabia se era médico, enfermeiro... sei lá. Só me preocupava o estado de saúde de minha tia.

∞∞∞∞

Passava da meia-noite quando eu voltei para casa. Tentei de todas as formas convencer tia Verna de que eu poderia passar a noite com ela, que negou veementemente. Após vários exames foi constatada uma fratura na pelve, felizmente sem deslocamento e sem outras lesões mais graves. Somente lá eu fiquei sabendo realmente o que houve. Querendo me poupar de maiores preocupações, tia Verna confessou que escondeu de mim que caiu da escada e tentou se arrastar até o telefone, mas a dor foi mais forte.

Eu não queria que ela passasse a noite sozinha no hospital de forma alguma, mas até mesmo os médicos não aconselharam minha permanência lá. Liguei para Polly avisando sobre o ocorrido, e contrariando as ordens da mãe, ela estava voltando para Paris no voo da manhã.

E eu que já tinha minha passagem comprada, decidi que o mais acertado seria postergar minha partida e esperar até que ela estivesse melhor. Isso significava que eu teria que adiar por mais algumas semanas o momento de contar a Daniel que eu estava grávida. Eu não via a hora de voltar para casa, mas também não podia abandonar quem me acolheu de braços abertos e me ajudou a suportar os dias tristes.

Tranquei e conferi as portas assim que entrei em casa, acionando o alarme logo em seguida. Eu queria me jogar na cama e dormir por longas horas, mas eu estava há tempo demais sem comer nada, e, embora eu não sentisse fome, eu não podia pensar somente em mim agora. Não podia deixar de me alimentar. Segui para a cozinha e abri a geladeira pegando a salada e depois aquecendo o filé assado que tia Verna já tinha assado, só esperando por mim para jantarmos.

Comi sem vontade, praticamente empurrando a comida, sentindo o bolo se formar em minha garganta. Eu estava tão cansada! Não fisicamente, mas emocionalmente. Tentei continuar comendo, mas como conseguir isso enquanto chorava? Eu bem que tentei segurar, mas não consegui. O choro saiu fácil sem que eu pudesse impedir. Saudade da Bakery, da minha casa... de todos... de Daniel. Em poucos dias seria a virada do ano e pela primeira vez em muitos anos, eu não estaria naquela pedra, olhando o mar de mãos dadas com meu marido.

Eu solucei e apoiei os cotovelos na mesa, tapando o rosto com as mãos. Eu não imaginei que seria tão difícil. Não sei por quanto tempo chorei, e, talvez um pouco anestesiada, eu lavei as louças mecanicamente, e em seguida subi para o meu quarto, onde fiz minha higiene. Tirei as roupas e vesti o pijama quentinho que ganhei de Ben. Estiquei os cobertores sobre a cama e liguei o aquecedor. Mas ao me deitar, sabendo que tia Verna não estava no quarto ao lado, eu me senti mais solitária que nunca. Provavelmente, o inverno nunca mais seria minha estação preferida do ano.



Ignorando a expressão emburrada de tia Verna, eu me sentei ao seu lado na cama, colocando a mão sobre a dela.

—Isso não está em discussão, tia. Quem me acolheu quando cheguei aqui tão quebrada? Além do mais, a senhora é a única família que eu tenho. É minha obrigação estar aqui nesse momento. E não pense em obrigação no sentido ruim da palavra. Eu gosto e quero estar por perto enquanto se recupera.

Tia Verna só teria alta no final da tarde, portanto eu passei a manhã com ela. De acordo com a avaliação dos médicos, por não ser uma fratura estável, ela conseguiria até andar, embora fosse sentir muita dor. O tipo de fratura permitia que ela usasse muletas ou até mesmo um andador. Ia precisar de fisioterapia, além de repouso, gelo, analgésicos e anti-inflamatórios.

—Eu sei disso, Mel. E eu não esperava outra coisa de você. Mas a Polly está vindo, querida. Olhe, não pense que estou sendo ingrata, mas... você tem que ir, filha. Sabe... já passou da hora de você resolver sua situação com Daniel, além de contar a novidade. Não importa o que vai acontecer a partir dessa conversa, mas isso precisa acontecer já. Só assim vai conseguir aliviar um pouco esse coração. Eu não quero mais ouvir você chorar.

Eu pisquei algumas vezes e dessa vez consegui segurar minhas lágrimas.

—Eu te amo, tia. Desculpe demorar tanto tempo a dizer isso.

—Eu também amo você, minha linda. E não se preocupe quanto a ter dito ou não. Nunca é tarde demais para perceber o amor. Pelo menos o amor forte e verdadeiro.

Eu sorri, a mão apertando a de tia Verna e a outra ainda em minha barriga. Ela estava coberta de razão. Estava mais do que na hora de voltar para casa.



Capítulo 11

Dezembro/2008

Lançando um último olhar para a imponente torre, eu me afastei a passos lentos, apreciando e ao mesmo tempo me despedindo da bela cidade. Prometi a tia Verna que eu não ficaria mais tanto tempo afastada, mas nós duas sabíamos que as coisas seriam diferentes a partir de agora. Eu teria um filho para cuidar e minha rotina mudaria drasticamente.

Não estava preocupada com isso, porém era inegável que desde já eu teria que pensar no que fazer em relação a Sweet. Deixar a gerência a cargo de Juan não seria problema algum, mas eu certamente ia precisar treinar mais pessoas na cozinha. Deixar meu bebê aos cuidados de uma babá era totalmente descartado. Eu queria viver, curtir intensamente cada etapa desse novo ciclo.

Continuei caminhando devagar, sem pressa alguma até conseguir um táxi. Hoje, dia trinta de dezembro, eu sairia num voo as vinte e três horas com

destino a Nova York. De lá, outro voo com duração de uma hora até Fort Toment. E eu sentia um calafrio por saber que dentro de algumas horas eu estaria novamente em casa.

Meus planos se resumiam a descansar um pouco, ir até a Sweet e ligar para Natalie. No dia anterior liguei para Juan e pedi que encontrasse alguém para fazer uma faxina em minha antiga casa. Eu não estava no clima para voltar à casa nova. Encontrá-la vazia, provavelmente quase sem nenhum rastro de Daniel era mais do que eu poderia suportar.

Eu precisava encontrar um ponto de equilíbrio, trabalhar minha mente para meu encontro com ele. Apesar de ser necessária uma conversa sobre nós dois, o motivo que me levava a procura-lo agora era somente nosso filho. No final das contas acabaria tudo num mesmo pacote, já que falar sobre nosso bebê significava ter que resolver nossos problemas para que nada atrapalhasse o meu momento de ser mãe e também o de Daniel de ser pai.

Meu olhar apático observava as ruas de Paris enquanto o táxi seguia o percurso até a casa de tia Verna. Recomeçar. Nunca pensei que essa palavra fosse tão difícil de colocar em prática. Não queria, entretanto, ficar choramingando pelos cantos, remoendo o fato de meu casamento provavelmente ter chegado ao fim. Milhares de casais se separam todos os dias. Porém, nunca paramos para pensar que um dia isso pode acontecer conosco.

Até Anika aparecer novamente em nossa vida, eu sequer cheguei a pensar nela como uma ameaça. Admito que sentia medo da reação de Daniel se um dia a encontrasse, mas eu estava tão convicta do amor dele por mim que em momento algum imaginei que esse amor pudesse ser eclipsado por uma paixão de adolescência. Mas foi e a mim, só restava aceitar e torcer pela felicidade de Daniel. Apesar de tudo, eu vivi os melhores dias da minha vida ao lado dele.

—Obrigado senhorita. Tenha um feliz ano novo, cheio de conquistas.

—Obrigada. —Agradei emocionada ao motorista de taxi assim que desci em frente à casa de tia Verna. — Desejo o mesmo ao senhor.

Suspirei ao me afastar do carro, deixando que um tímido sorriso se abrisse em meu rosto. Ano novo... conquistas... quase um renascimento. Passei a mão sobre meu ventre, dessa vez sorrindo largamente.

—Seremos muito felizes, bebê. Teremos um ao outro... sempre.

Subi com cuidado os degraus da varanda e ao entrar na sala, encontrei tia Verna discutindo com Polly. Ri e rolei meus olhos enquanto me aproximava e me sentava ao lado dela, segurando sua mão.

—Qual o motivo da revolta, tia?

—Esse absurdo de Polly querer que Kevin e Ben voltem para cá. É cansativo para o meu neto. E de jeito nenhum quero que passe a virada do ano longe deles.

—Será apenas uma vez em todos esses anos, mamãe. Não seja intransigente.

—Eu já disse que ficarei bem, filha. Pode ir e passar a virada com seu marido e seu filho. Uma enfermeira dará conta de cuidar de mim muito bem enquanto você não volta.

Eu não ia me meter nesse assunto, pois se tia Verna era muito intransigente, Polly era muito teimosa. Estava até tranquila demais, o que me deu a impressão de que provavelmente Kevin e Ben já estavam a caminho. Como se lesse meus pensamentos, Polly deu um sorriso fraco e piscou me fazendo rir também.

—Não é nada engraçado passar a virada do ano sozinha, tia.

—Como se eu não soubesse que é exatamente o que pretende fazer.

Ralhou comigo, me olhando de lado, com a testa franzida.

—Eu não estarei sozinha. Estarei com meu bebê.

Ela deixou escapar um longo suspiro e me encarou diretamente nos olhos.

—Filha... vá ver seus sogros durante a virada. Tenho a certeza de que eles ficarão muito felizes. Você mesma disse que eles não costumam comemorar. Vão gostar de vê-la.

—Sei que ficarão felizes, mas... não quero nem pensar na possibilidade de encontrar Daniel e Anika lá.

Ela bufou fazendo uma careta.

—Pois ao que parece ele não esteve lá nem no Natal. Foi você mesma quem disse, esqueceu? Por que iria no ano novo?

A verdade é que por mais que eu tenha pensado, ainda não tinha encontrado uma explicação para a provável ausência de Daniel no dia de Natal.

—Eu vou chegar tarde lá, tia. Isso se o voo não sofrer nenhum atraso.

—Mesmo assim pense nisso.

Prometi que ia pensar no assunto e em seguida subi para o meu quarto, verificando mais uma vez se não estava deixando nada para trás. Eu me sentei na cama, passando a mão pelo edredom e soltei um longo suspiro. Foram dias muito agradáveis com tia Verna. Mas aqui não era meu lugar. Como costumam dizer, nossa casa é onde nosso coração está. Então, eu estava voltando para onde estava o meu.

Às vinte e uma e trinta, eu estava presa no abraço apertado de tia Verna, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Ela também chorava, alisando meus cabelos.

—Foi tão bom ter você aqui esses dias, querida. Se a situação fosse outra eu juro que ia insistir para que ficasse. Se você tivesse vindo antes de conhecer seu marido... quem sabe, não é?

—Mãe!

Polly a repreendeu, mas eu ri, entendendo o que ela queria dizer. Eu me afastei e passei o dedo sob os olhos dela, secando suas lágrimas.

—Eu sei, tia. Foi tão bom que pensei assim também, mas... era coisa do destino. Ter Daniel durante esses anos foi a melhor coisa que me aconteceu. E agora... — passei a mão em minha barriga. —Está mais do que óbvia a importância dele em minha vida. Ele me deu meu melhor presente.

—Claro que sim, Mel. Estava só brincando. Mas saiba que qualquer coisa... qualquer coisa mesmo que precisar, essa casa sempre estará de braços abertos para você.

—Obrigada. E por favor, faça um esforço para me visitar também.

—Mas é claro que vamos. —Polly se manifestou. — Temos que conhecer o Danielzinho... ou a Melzinha.

Eu sorri ainda entre lágrimas e me levantei para abraçar Polly.

—Não suma, prima. Não podemos permanecer tanto tempo afastadas como ficamos.

—Não ficaremos mais. É uma promessa. Bom... obrigada por tudo. Eu preciso ir agora...

Eu abracei Polly fortemente e depois mais um abraço em minha tia. Apesar de Polly ter insistido para me levar ao aeroporto, eu não queria que tia Verna ficasse sozinha. E além do mais, despedidas eram sempre tão depressivas.

Já dentro do táxi, acenei para Polly pela última vez.

∞∞∞∞

Eu estava realmente exausta enquanto atravessava a área do desembarque. Minha cabeça doía levemente, além do mais, eu estava faminta. O voo foi tranquilo e sem atrasos, mas oito horas de viagem realmente me deixaram em frangalhos. Felizmente eu ainda teria quatro horas de intervalo até o voo para Fort Toment, que sairia às dezessete horas. Se eu

tivesse a sorte de também não ocorrer nenhum atraso, às dezoito horas eu já estaria em Fort Toment. E ainda não tinha me decidido se iria ou não até a casa dos meus sogros... ou ex-sogros.

Eu empurrava o carrinho com minhas bagagens quando avistei o casal e parei abruptamente. Um sorriso involuntário se abriu em meus lábios enquanto o homem seguia em minha direção de braços abertos.

—Frederick! Oh meu Deus, que surpresa.

Fui pega em um abraço apertado e um beijo no topo da cabeça. No dia anterior eu informei a Frederick e Laura o horário do meu voo. Eles também iam viajar, mas para New Haven onde moravam os irmãos dela.

—Não resistimos. Tínhamos que vir vê-la.

—Oh, mas e a viagem?

—É uma viagem curta. Pouco mais de uma hora.

Ele empurrou o carrinho com as bagagens, enquanto eu me aproximava de Laura e a abraçava.

—Olhe só para você... está mais linda do que nunca. Esses dias fizeram bem a você, Mel.

—Obrigada Laura. Você também está muito bem.

—E é claro que não é só a viagem. Uma mulher grávida fica resplandecente. Como está se sentindo?

—Maravilhosa. Tive apenas algumas tonturas e muita azia, mas nada além disso. Ah... e é claro, muito sono.

Eu realmente não esperava pela surpresa de encontra-los no aeroporto, e esse encontro me deixou muito emocionada. Amigos que conquistei em um momento complicado, e que eu levaria por toda minha vida. Almoçamos juntos em um restaurante no aeroporto enquanto eu contava sobre meus dias com minha tia. Fiquei muito feliz em ver que Laura parecia bem mais corada

e disposta do que quando nos encontramos na Noruega. Frederick também parecia muito melhor. Seu sorriso esfuziante não deixava dúvida quanto a isso. Eles se tocavam o tempo todo, cheios de carinho um com o outro, o que provocou em mim um sentimento revoltante.

Inveja. Eu sentia inveja da felicidade deles, do amor compartilhado. E eu me odiei por isso porque esse era um sentimento que jamais tive. Nunca invejei nada nem ninguém e agora estava aqui, invejando a felicidade dos meus amigos. Tudo bem que não era aquele sentimento tão obscuro a ponto de desejar o mal para o casal, mas para mim, inveja sempre foi algo muito nocivo.

—O que foi, Mel? Está se sentindo bem?

Eu não percebi que chorava até Laura colocar a mão sobre a minha e Frederick passar o braço em volta do meu ombro.

—Estou envergonhada por estar sentindo inveja de vocês... do amor de vocês.

—Oh querida... que bobagem. —Laura apertou levemente minha mão, o que me fez encara-la. — Eu nem conheço seu Daniel, mas eu sinto... no fundo do meu coração eu sinto que a história de vocês ainda não terminou, meu bem. A vida é assim... às vezes andamos por caminhos tortos, mas apenas para enxergamos o caminho certo. O que nos faz feliz.

Eu queria muito acreditar nas palavras dela, mas minhas esperanças iam minguando cada vez mais.

∞∞∞∞

Apenas mais uma hora e então eu finalmente estaria voando de volta para Fort Toment. Apesar da insistência de Frederick e Laura para ficarem comigo até o horário do meu voo, eu os convenci a irem embora. Mesmo depois de Frederick ter dito que era uma viagem rápida, quanto antes eles chegassem ao destino, melhor para eles.

Enquanto aguardava o embarque, sentada em uma das centenas de poltronas, eu deslizei a mão sobre minha imperceptível barriga, sorrindo e olhando para ela como se fosse meu bebê já em meus braços.

—Bons amigos, não é bebê? Foi uma surpresa tão boa encontrá-los aqui. Um dia você irá conhecê-los e sei que vai gostar tanto deles quanto eu gosto.

—Você... você está grávida!

Ergui imediatamente a cabeça ao ouvir a desconhecida voz feminina... e ao enxergar seu rosto senti como se todo o sangue fosse drenado do meu corpo. Meu coração deu um salto e passou a bater violentamente. Eu não acreditava no que estava vendo. De súbito me veio o desespero, o medo de saber que talvez ele estivesse ali, a acompanhando. Fiquei de pé imediatamente, olhando para os lados tentando reconhecer Daniel entre as centenas de rostos.

Enquanto isso Anika permanecia de pé à minha frente, com o olhar fixo em minha barriga. Ainda não havia um volume que pudesse deixar óbvia a minha gravidez, pelo menos não por baixo das várias camadas de roupas. Mas o meu gesto de conversar e tocar minha barriga me impediu de negar aquela afirmação.

Sentindo o ciúme me bater violentamente, eu a encarei. Estava magnificamente bem vestida, o rosto bonito com uma leve maquiagem. Sem dúvida era uma mulher lindíssima.

—Daniel não sabe! Ele não...

Dessa vez não foi o ciúme. Mais uma vez senti o poderoso efeito da inveja se imiscuindo dentro de mim. Sentia inveja dela por ter reconquistado o amor que um dia foi meu. Odiei ouvir o nome do meu homem através dos lábios dela. Movida por esses sentimentos ruins, eu praticamente vociferei ao responder.

—Não. Ele ainda não sabe, mas vai saber. E eu já aviso uma coisa... não tente se colocar entre ele e nosso filho ou eu acabo com você.

—O que? — Perguntou atônita, dando um passo para trás. — Mas por...

Eu a interrompi, erguendo o dedo.

—Daniel sempre sonhou em ser pai. Eu não sei se você pretende dar um filho a ele também, mas saiba que, eu posso ser a ex esposa, mas nosso filho nunca será ex. Se Daniel quiser assumir o filho, não vai ser você quem vai impedir. Portanto, nem tente.

Eu disse, mas dentro de mim não havia convicção alguma. E se Daniel não fosse realmente o homem que idealizei todos esses anos? E se ele rejeitasse o próprio filho por causa dessa mulher?

—Que absurdo é esse que está falando?

—Só estou avisando você, Anika. Daniel pode não ter resistido à paixão por você, mas ele não vai rejeitar o próprio filho.

Eu a vi abrir e fechar a boca várias vezes, o rosto mais pálido e por alguns instantes eu tive a impressão de ver a dor em seus olhos. Mas quando por fim ela conseguiu falar, não foi nada do que eu esperava... e muito menos entendia o que significava.

—O que não contaram a você?

... continua em Livro III Manhãs de primavera, na narrativa do Daniel, iniciando no ponto em que foi encerrado o livro I - Tarde de outono.